

# APAV<sup>®</sup>



associação portuguesa de

Apoio à Vítima

# Recortes de Imprensa

## Maio 2016



Apoio:

1986 **LPM** 2016  
THE HOUSE OF PR



# 176 VÍTIMAS NO CONCELHO



## Setúbal liderou registo de casos de violência doméstica no distrito

POR ROGÉRIO MATOS

A cidade de Setúbal foi ao longo de 2015 palco da maior parte de crimes que o Gabinete de Apoio à Víctima (GAV) registou. Ao todo, 176 mulheres, mas também homens, setubalenses recorreram ao apoio da APAV. O GAV assinalou ao longo do ano passado 541 processos de apoio, num total de 436 vítimas directas de crimes, na sua maioria violência doméstica.

Dos 1102 crimes que a APAV apurou em 2015, mais de 960 eram mes-

mo relacionados com violência entre casais, desde maus tratos físicos e psicológicos, ameaças e coacção, injúrias e difamação bem como crimes de natureza sexual, todos infligidos por um membro do casal ao outro.

De acordo com os números referentes à actividade do GAV Setúbal que O Setubalense teve acesso, a grande maioria das vítimas são mulheres (85 por cento) e tinham idades compreendidas entre os 35 e 44 anos (46 por cento). A

faixa etária que se segue com mais casos de violência é entre os 45 e 54 anos.

maioritariamente o ensino superior e encontravam-se na altura a trabalhar.

Quanto à relação do autor do crime com a vítima, o grande destaque vai mesmo para a relação entre cônjuges (129 casos) seguido de companheiros e ex companheiros (116).

Os dados da APAV deixam ainda transparecer a caracterização do autor. Maioritariamente do sexo masculino, tinham idades compreendidas entre os 35 e 54 anos. Em 39 por cento dos casos, os autores dos crimes eram casados e trabalhavam na altura do crime, tal como a vítima.

A duração dos crimes até que a vítima contactasse o GAV Setúbal foi do tipo continuado, com 34 por cento dos casos a registarem uma duração entre os dois e os seis anos.

Ainda de acordo com os dados recolhidos, os locais do crime mais referenciados foram o lar (313) seguido da via pública (114).



### RELAÇÃO

Cônjuge	129
Companheiro/a	62
Ex-companheiro/a	54
Filho/filha	61
Pai/mãe	37

### Vítimas ganham coragem

Em 60 por cento dos contactos que o GAV Setúbal recebeu em 2015, foram as próprias vítimas de crimes que tomaram coragem e denunciaram a violência a que eram sujeitas. Num primeiro contacto, foi mesmo o telefone o mais usado. No entanto, a denúncia efectuada por familiares também se revelou significativa em 2015.

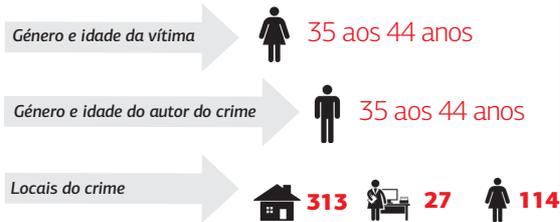
Na relação existente com as forças de segurança, tanto a PJ como GNR e PSP reencaminharam um total de 56 casos para o GAV de Setúbal.

### Mentalidades dos jovens preocupa APAV

Com o passar das gerações, muitos jovens em idade escolar continuam a aceitar agressões por parte do companheiro(a), relativizando as mesmas e até criticando quem as condena. "São simples empurros de amor", "é mesmo do seu feitio", ou "entre nós ninguém se mete" são algumas expressões que o Gabinete de Apoio à Víctima ouve nas acções de sensibilização que dirige nas escolas do distrito de Setúbal, o que faz com que a situação seja entendida pela APAV como alarmante.

Por parte dos professores, também é salientado um crescente descuido na forma como abordam a situação. Muitos docentes não sabem como lidar ou simplesmente ignoram uma agressão entre casais no recinto escolar. Afinal, os próprios alunos são aconselhados a denunciar junto dos docentes eventuais agressões que sofrem. Este paradoxo faz com que o GAV Setúbal insista na formação de professores para lidar com casos de violência entre os seus alunos.

Apesar de tal proposta ter sido bem recebida no seio da comunidade escolar, ainda nenhuma acção foi realizada até ao momento.





ID: 64192665

27-04-2016

CADA VEZ MAIS CRIANÇAS ENVOLVIDAS EM DISPUTAS PARENTAIS //

# Crianças e jovens vítimas de crime

Crianças e jovens vítimas de crime foi o tema da palestra que decorreu nos Claustros do edifício do Ex- Governo Civil, na passada quarta-feira, integrado nas comemorações dos 133 anos da PSP. Um encontro que juntou entidades e forças de segurança que diariamente lidam com crianças e jovens vítimas de crime.

O Sub Comissário Agostinho Vaz disse haver cada vez mais casos de crianças vítimas de crime principalmente que se vêm envolvidas em disputas parentais. "Todas as semanas temos pais na esquadra porque um dos progenitores não entrega o filho. E isto é crime".

As contendas são preocupantes, mas há também muitas crianças envolvidas em casos de violência doméstica. "São as vítimas



colaterais", sublinhou.

O Sub-comissário salientou que a PSP está atenta "aos sinais e situações" mas que a polícia não consegue resolver sozinha. As parcerias são importantes com a autarquia, APAV, CPCJ e

outras polícias nomeadamente a GNR.

Uma das formas de prevenir é informar crianças e jovens sobre os riscos e perigos a que estão expostos diariamente quer na escola, na rua e junto

dos relacionamentos que têm. Elisa Brites, responsável pela APAV, acredita que essa informação "faz toda a diferença sobre a percepção que podem ter na identificação de casos de risco".

Relativamente a anos

anteriores, a responsável refere que o número de queixas é praticamente o mesmo mas os casos são mais graves. "São situações cada vez mais complexas com contornos mais difíceis e em que existe uma vitimização mais continuada e de grande risco".

As situações mais graves são as que estão relacionadas com a violência interpaparental. As crianças mesmo que não sejam vítimas directas assistem diariamente à violência que existe no seio familiar. Para Elisa Brites muitas destas crianças "assumem um papel de responsabilização por quem sofre e crescem muito rapidamente e não conseguem ser verdadeiramente crianças".

João Fontes da CPCJ considera que as acções de

sensibilização são importantes para que a comunidade se sensibilize para a protecção e promoção dos direitos das crianças. Ao mesmo tempo dão uma oportunidade às entidades de debater e promover questões que surgem no dia-a-dia de forma a ter um "sistema de protecção e promoção mais eficiente, mais célere e mais eficaz". João Fontes confirmou o aumento de casos relacionados com disputas parentais e salientou mesmo que "é preocupante".

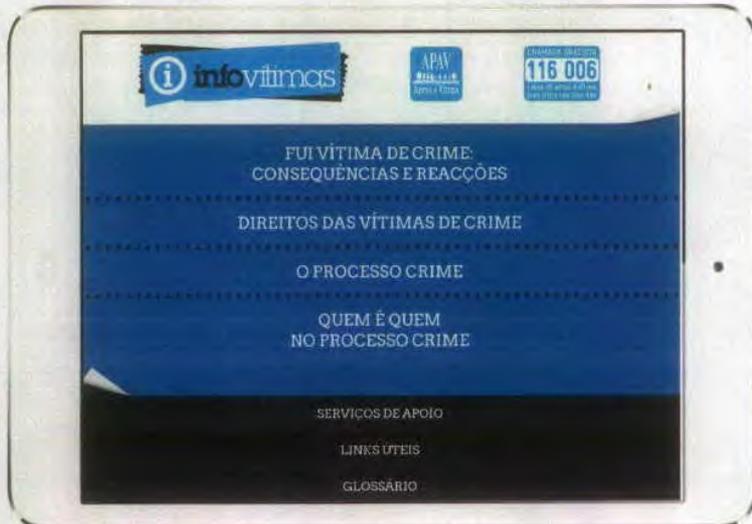
Têm também aumentado os casos de negligência parental. Pais que colocam as crianças em risco "ao permitir livres acessos a redes sociais com danos gravíssimos em alguns casos".

**Cristina da Santa Ferreira**

CAPA



Nacionais

**INFOVITIMAS PT**

A Infovítimas PT pretende servir de ajuda a todos os que querem saber mais sobre um processo crime, os seus direitos ou até encontrar algum apoio psicológico. Foi desenvolvida com o apoio financeiro do Programa Justiça Penal da União Europeia e numa parceria com a APAV, para os cidadãos poderem conhecer os seus direitos e os serviços que lhe podem prestar apoio.

Programador: Último Take Sistema Operativo: Android, iOS, Windows

**EPARK**

Comece a pagar parquímetro através do smartphone com esta aplicação da EMEL. Com recurso à geolocalização identifique onde está parado, introduza a matrícula, alguns dados do carro e defina até que horas quer manter o estacionamento activo.

Programador: EMEL  
Sistema Operativo: Android, iOS Windows

**ALGARVE EVENTOS**

A aplicação Algarve Eventos possibilita o acesso imediato a informação turística em tempo real, tornando-se numa ferramenta de grande utilidade para os visitantes e para os próprios residentes. Apresenta os destaques do mês, organizada por datas e localização, assim como por categorias: Música, Dança, Teatro, Exposições, Desporto, Festas e Festivais, Feiras e Mercados.

Programador: Região de Turismo do Algarve  
Sistema Operativo: Android, iOS

**BEST SEAT**

Assista a concertos em directo e exclusivo, tanto de artistas nacionais como internacionais, ao mesmo tempo que interage com eles. Aqui vai poder aplaudir, saltar, enviar corações, comentar em tempo real e até falar com o artista. A estreia foi com o músico e sensação do momento Agir, mas a equipa já está a agendar outros concertos.

Programador: Studium Creative  
Sistema Operativo: Android, iOS

**STORYO**

Crie breves vídeos recorrendo a fotografias, ao mesmo tempo que os pode completar com legendas, e efeitos visuais sonoros. Os vídeos são simples de criar e podem ter 15, 30 ou 60 segundos. Na Irlanda foi usada para os resumos das eleições legislativas.

Programador: Storymatik Software  
Sistema Operativo: Android, iOS

**STUDIUM FOOTBALL**

Totalmente dedicada aos protagonistas do desporto-rei, nesta app é possível controlar e seguir os jogadores mais de perto, com o lema #FicaMaisPerto. Os fãs de futebol poderão seguir, entre outros, Salvió, Gaitán, André Almeida, Jackson Martinez e Ángel Correa.

Programador: Front Seat  
Sistema Operativo: Android, iOS

**PEPFEED**

Este assistente de compras já reconhece mais de dez mil produtos e inclui reviews de sites e referência como a PCGuia.

Encontre os melhores preços dos produtos tecnológicos que quer comprar ao tirar uma fotografia à etiqueta, com esta app.

Programador: PepFeed  
Sistema Operativo: iOS

**HOLE19**

A Hole19 é uma aplicação dedicada aos praticantes de golfe que, através das ferramentas de GPS e Scorecard Digital, permite melhorar a qualidade do seu jogo. Também pode usá-la para contactar outros golfistas e campos de golfe.

Programador: Stat Track Technologies  
Sistema Operativo: Android, iOS



ID: 64238451

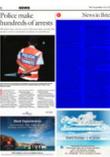
30-04-2016 | Emprego

## APAV apoia investigação sobre violência

A Associação de Apoio à Vítima (APAV) está a promover a segunda edição do Prémio APAV para a Investigação, com o apoio da Fundação Montepio. O prémio destina-se a reconhecer trabalhos de investigação científica sobre temas ou problemas relacionados com a missão da APAV: “Apoiar as vítimas de crime, as suas famílias e os seus amigos,



prestando-lhes serviços de qualidade, gratuitos e confidenciais e contribuir para o aperfeiçoamento das políticas públicas, sociais e privadas centradas no estatuto da vítima”, faz saber a associação na apresentação da iniciativa. O Prémio APAV para a Investigação vai distinguir um trabalho inédito, desenvolvido em língua portuguesa, que contribua para o conhecimento geral ou específico dos temas ou problemas relacionados com as vítimas de crime, ou para a melhoria de qualidade dos serviços de apoio à vítima em Portugal. As candidaturas podem ser formalizadas até 30 de junho.



### Stalking complaints on the up

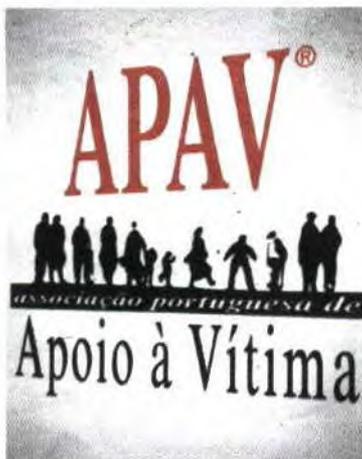
Almost 500 people, mostly women, lodged complaints with police last year against stalkers. These figures were released on Monday as Portugal staged National Stalking Awareness Day. While the number of stalking cases reported last year was up almost 25 percent on 2014, the practice has only been recognised as a crime in Portugal since last September. Most stalking victims are said to know their aggressors, and in many cases were romantically involved. More information can be found on Victim Support Group APAV, whose site, [apav.pt](http://apav.pt), is also available in English.



# Menor queixa-se do pai por agressão

**VILA REAL** A Comissão de Proteção de Crianças e Jovens (CPCJ) de Vila Real está a acompanhar uma denúncia de alegados maus-tratos a uma jovem de 17 anos, alegadamente por parte dos pais adotivos, um militar e uma advogada na casa dos 50 anos.

O caso terá acontecido há cerca de duas semanas, quando o pai terá agredido a filha com "duas bofetadas e puxando-a por um braço", segundo contou ao JN fonte ligada ao processo, depois de a encontrar "em situação imprópria com um rapaz que conheceu na Internet". No dia seguinte à agressão, que o pai admitiu ter cometido, a jovem dirigiu-se à Associação Portuguesa



Menor queixou-se à APAAV e pai admite apenas duas bofetadas e puxão

de Apoio à Vítima (APAAV) e apresentou queixa.

A jovem esteve numa unidade hospitalar do Porto a fazer exames médico-legais, que terão confirmado a existência de lesões, mas os pais desmentem a existência de ferimentos antigos e de maus-tratos continuados.

Segundo apurou o JN, a menor ficou em silêncio perante o Ministério Público e os pais continuam com a guarda da filha adotiva, que se encontra numa casa-abrigo. A CPCJ já promoveu encontros entre o pai e a jovem que, segundo fonte ligada à família, "poderá voltar para casa na próxima semana".

SANDRA BORGES



# Estado pagou a maior indemnização a vítimas de crime violento

**Relatório.** Comissão de Protecção às Vítimas de Crime entrega quase 70 mil euros à filha e à ex-mulher de Manuel Palito. Em 2015, cada vítima de violência doméstica recebeu, em média, 1462 euros devido a teto imposto pela lei

CARLOS RODRIGUES LIMA

A filha e a mulher de Manuel Palito – condenado a 25 anos de cadeia pelo homicídio da mãe e de uma tia e pelo mesmo crime na forma tentada contra a ex-mulher e filha – vão receber quase 70 mil euros de indemnização do Estado, o máximo permitido por lei. Esta foi uma das últimas decisões da Comissão de Protecção às Vítimas de Crime (CPVC), cujo relatório de atividade de 2015 revela que, em média, foram pagos dez mil euros a 58 vítimas de crime violento. Nos casos de violência doméstica, a CPVC atribui uma média de 1462 euros (durante seis meses) às vítimas que pediram auxílio. No total, 331 pessoas recorreram à CPVC.

O valor da indemnização pago às vítimas de violência doméstica, à primeira vista, até pode ser considerado baixo. Porém, como explica a própria CPVC no Relatório de Atividades, entregue no final do mês de abril na Assembleia da República, o pagamento da indemnização às vítimas de violência doméstica é pago desde que, como diz a lei, se verifique uma situação de "grave carência económica". Por um lado, refere a CPVC, "o legislador" diz de forma clara na lei que nenhuma vítima pode beneficiar de um apoio superior ao valor da retribuição "mínima garantida", mas não definiu o conceito. O que levou, numa primeira fase, a deixar o valor ao extinto rendimento mínimo garantido, tendo a CPVC fixado, com a alteração deste para rendimento social de inserção (com os respetivos escalões), que uma vítima "encontra-se numa situação de grave carência económica quando tem rendimentos ou prestações sociais cujo valor se situe abaixo do salário mínimo nacional", atualmente fixado nos 530 euros.

No ano passado, 207 (117, em 2014) mulheres vítimas de violência doméstica recorreram à CPVC. Em muitos dos casos reportados, as mulheres já se encontram separadas ou divorciadas dos agressores condenados em tribunal, sendo certo que em algumas situações "constata-se que tanto a vítima – mulher – como o agressor tinham já no momento do crime novas re-



RETO COBRELA/DABI PAVENS

## Casas de abrigo acolhem mulheres

ESTADO Segundo a lei, as casas de abrigo, como a da Cruz Vermelha em Matosinhos (na imagem), são as unidades residenciais destinadas a acolhimento temporário a vítimas, acompanhadas ou não de filhos menores. O estudo "Processos de inclusão de mulheres vítimas de violência doméstica", do Centro de Investigação e Estudos de Sociologia do ISCTE, coordenado pela socióloga Maria das Dores Guerreiro, revelou que, em 2013, 823 foram encaminhadas para estas casas, levando consigo 835 crianças. Ou seja, mais de 1800 pessoas habitaram estes espaços durante um ano. O estudo concluiu ainda que as mulheres viviam "situações de elevado isolamento social" e eram "desempregadas de longa duração".

lações amorosas, havendo casos em que o agressor tinha mesmo já filhos dessa nova relação". O panorama da violência doméstica levou ainda a CPVC a identificar nove mulheres já viúvas que iniciaram uma nova relação e que depois foram agredidas pelos novos companheiros.

Estabelecendo quase uma relação causa-efeito, os dados disponíveis pela CPVC revelam que muitos dos autores de violência doméstica estão desempregados. "Quase metade dos homens que agrediram as mulheres que pediram apoio a esta comissão estavam desempregados no momento da ruptura familiar, sendo que, em muitos casos, as vítimas encontravam-se também nessa situação", lê-se no relatório de atividades. "Constata-se que nestes casos, para além de tudo o resto, como o machismo, a falta de valores como civismo e cidadania, existe um claro problema social", acrescenta a

CPVC, relatando ainda o caso de uma mulher que durante o período em que estava a beneficiar de uma indemnização relativa a um processo de violência doméstica apresentou novo requerimento, dando conta de outra situação com condenação em tribunal.

### As vítimas e as redes sociais

Há casos em que, já depois dos crimes, as vítimas, obrigadas a mudar de residência, acabam por revelar a sua localização aos agressores. Motivo: redes sociais. "Uma mulher sai de Lisboa e é colocada numa casa-abrigo no Porto. A vítima acaba por colocar uma foto no Facebook ou usa outra aplicação que revela a sua localização e o agressor consegue localizá-la", descreveu ao DN o presidente da CPVC, Carlos Anjos, ex-inspetor-chefe da Polícia Judiciária.

O responsável da comissão adiantou ainda que a maioria das vítimas com pedidos de indemnização

## 331

processos entrados em 2015 na Comissão de Protecção às Vítimas de Crime. Foram quase mais cem casos do que em 2014.

## 129

vítimas de violência doméstica foram apoiadas pela CPVC em 2015, o que representou um aumento de 32 em relação ao ano anterior.

## 54

vítimas de crimes violentos receberam o apoio da CPVC no ano passado. Mais quatro do que o verificado em 2014.

estão atualmente colocadas em casas de abrigo, uma vez que devido às agressões foram obrigadas a sair de casa e, enquanto não conseguem estabelecer-se, ficam alojadas nestas instituições do Estado. Para minimizar os danos causados à vítima, Carlos Anjos defende que "quem deveria sair de casa era o agressor", ou, em alternativa, os tribunais deveriam aplicar mais medidas de coação – como a pulseira eletrónica, que avisasse a vítima da presença do agressor na sua proximidade. "Na maior parte das situações, as mulheres é que são obrigadas a mudar de vida, levando consigo os filhos, quando deveriam ser estes a manter as suas rotinas no meio onde já estão integradas", considera Carlos Anjos.

A CPVC verificou ainda, no último ano, um aumento de vítimas de crimes cometidos por estudantes. Estão em causa situações de ofensas à integridade física grave, sobretudo cometidos em descatos.

## PROTEÇÃO DE VÍTIMAS

### Quem deve pagar indemnização por crime violento?

› O dever de indemnizar recai sobre o autor do crime. Contudo, em alguns casos, em face das dificuldades económicas em que a vítima ficou em resultado do crime e dada a impossibilidade de receber em tempo útil uma compensação por parte do autor do crime, o Estado pode adiantar uma indemnização.

### No caso de o autor do crime não pagar, a quem deve recorrer?

› Nos crimes violentos e nos crimes de violência doméstica, caso o autor do crime não tenha dinheiro para pagar a indemnização à vítima de crime, pode ser o Estado Português a fazê-lo. A Comissão de Proteção às Vítimas de Crimes é a entidade que em Portugal recebe estes pedidos de indemnização e decide se os pode ou não atribuir. O pedido de indemnização não tem qualquer custo para a vítima.

### A indemnização paga pela comissão é igual à fixada pelo tribunal?

› Não. Nos casos de vítimas de crime violento, muitas das indemnizações fixadas nas sentenças englobam todo o tipo de danos, patrimoniais e não patrimoniais. Como os autores dos crimes não têm meios para pagar, o Estado contribuiu com uma pequena parte. No crime violento, o máximo é de 34 680 euros. Na violência doméstica, o teto está estabelecido pelo salário mínimo nacional, 530 euros. Isto é, quem tiver rendimentos superiores não tem direito a indemnização. Só se o rendimento for "zero" é que a vítima pode auferir os 530 por um período de seis meses.

### Como se pode contactar a Comissão de Proteção às Vítimas de Crime?

› A comissão ainda não dispõe de uma página na internet, mas deverá ficar disponível brevemente. Para pedir apoio, a vítima terá de preencher um requerimento, disponível, por exemplo, no site da Associação de Apoio à Vítima, e enviar à CPVC para o e-mail [correio.cpvc@sg.mj.pt](mailto:correio.cpvc@sg.mj.pt) ou pelo telefone 21 322 24 90

## ENTREVISTA CARLOS ANJOS

Presidente da Comissão de Proteção às Vítimas de Crime



*“Pagamento de indemnização deveria dar redução de pena”*

### Uma média de 1400 euros de indemnização por vítima de violência doméstica. Não é um valor baixo?

Ainda é mais baixo do que ano passado, porque o teto máximo a que a comissão pode chegar é o salário mínimo nacional. Se uma pessoa estiver abaixo é considerada de “grave carência económica”, se tiver rendimentos acima não. Uma vítima que tenha rendimento igual ou superior ao salário mínimo não tem direito a indemnização, porque este apoio foi criado para as vítimas, sobretudo mulheres, que dependiam dos maridos. O que viemos a constatar é que as mulheres têm outros rendimentos.

### Nas situações dos crimes violentos verifica-se que ainda existe alguma confusão nas vítimas de que a comissão pagará o valor da indemnização estabelecido em tribunal.

Isto foi um apoio criado com teto máximo de 34 680 euros quando o condenado não tem meios para pagar. A comissão não pode atribuir um valor acima. Só se atribui àquelas pessoas que ficaram numa situação de grave carência.

### Os tribunais também manifestam dificuldades em executar as sentenças quando há lugar a pagamento de indemnizações?

A grande maioria dos autores de crimes violento não tem dinheiro, não tem património. Em Portugal cometemos um erro: alguns criminosos até têm património. Não há é nenhum mecanismo que permita dizer que se ele pagar a indemnização à vítima a pena até pode ser reduzida. Imagine-se um criminoso condenado a 25 anos de cadeia e a pagar cem mil euros à vítima. Quer pague quer não pague, fica sempre condenado a 25 anos. O sistema tenta de alguma forma que ele pague? Ele não tem interesse em pagar, porque não beneficia em nada, e desfaz-se do património.



# 193 casos suspeitos de vítimas de tráfico de seres humanos

**No ano passado** Relatório aponta 135 casos detectados em Portugal e 58 de portugueses residentes no estrangeiro

Os casos suspeitos de vítimas de tráfico de seres humanos em Portugal diminuíram ligeiramente em 2015, quando foram sinalizados 193, menos quatro do que em 2014, segundo o Observatório do Tráfico de Seres humanos (OTSH).

O relatório de 2015 daquele organismo tutelado pelo Ministério da Administração Interna (MAI) adianta que das 193 sinalizações, 135 dizem respeito a casos detectados em Portugal e 58 a portugueses residentes no estrangeiro.

No caso de portugueses suspeitos de terem sido vítimas de tráfico de seres humanos no estrangeiro, o número mais do que triplicou em 2015 face a 2014. O relatório de 2015 do OTSH indica que, no ano passado, foram sinalizados 58 portugueses presumíveis vítimas de tráfico de seres humanos no estrangeiro, mais 43 do que em 2014. O documento dá conta que, do total de casos, dois dizem respeito a menores, não especificando quantas situações de tráfico de seres humanos de portugueses no estrangeiro foram confirmadas, uma vez que são



D.R.

**Divulgado** relatório sobre vítimas de tráfico de seres humanos

dados protegidos «por segredo estatístico».

De acordo com o OTSH, a maior parte dos portugueses no estrangeiro, nestas situações, é vítima de exploração laboral (48 casos sinalizados), nomeadamente no sector agrícola.

À semelhança de anos anteriores, o principal país de destino sinalizado é Espanha (45), nomeadamente a região de Navarra, em tráfico laboral na agricultura, sector que segundo dados do Ministério Interior espanhol, agregou 28% do total das 134 vítimas de exploração laboral identificadas em Espanha

em 2015, indica o OTSH.

O documento refere que estão protegidas por segredo estatístico situações suspeitas de tráfico para fins de adopção, tráfico para fins de exploração sexual e outras formas.

O relatório indica ainda que Portugal sinalizou, no ano passado, 18 menores de idade como presumíveis vítimas de tráfico de seres humanos. Dos 18 menores sinalizados, seis foram confirmados e os restantes classificados como «não confirmados», «em investigação» e «sinalizado por organização não governamental».



## Cartas do leitor

### Vamos proteger

■ Nos dias de hoje, o código penal já consagra expressamente que existe crimes de violência doméstica quando existam maus tratos físicos e psíquicos, incluindo castigos corporais, privações da liberdade e ofensas sexuais. A lei também criminaliza as ameaças de coação, difamação, as injúrias, a violação, o abuso sexual e o homicídio ou tentativa de homicídio. Mas onde paira a sua atuação?

Apesar de tudo atualmente, o mito ainda prevalece: “A lei não me protege e a polícia não quer saber”. A mulher ainda continua a ser o alvo da nossa sociedade machista, coabitando com um sistema jurídico nada favorável à vítima mas tolerante com o agressor.

O artigo 152º do código penal português – lei nº59/2007, publicada no Diário da República consagra a violência doméstica mas prevalece a contradição quando passado à prática. Sabemos que compete às entidades e organizações competentes ajudar, proteger e salvaguardar a vida das vítimas quer as mães, quer os filhos. Ação que tem ficando muito aquém do nosso sistema jurídico.

Na análise das situações de violência doméstica denunciadas ou reportadas pela PSP constata-se uma prevalência de vítimas do sexo feminino (86%). No nosso país 19 mulheres por dia foram vítimas de violência doméstica em 2014, 130 por semana! Deu-se 42 mortes, 35 destas mulheres morreram às mãos dos maridos, atuais companheiros e ex-maridos. Em 2015,

46 mortes revelou a APAV!!! A

UMAR revela 39 vítimas de tentativa de homicídio no ano transato.

Há um grande esforço por parte da APAV mas não basta!!!! Temos diversas organizações não governamentais e governamentais a atuar mas separadamente. Deu-se a implementação do programa integrado de policiamento de proximidade na PSP, para tal foram criadas equipas de proximidade de apoio à vítima

(EPAN) mas quando estão no terreno nada podem fazer mais que afastar o agressor! A lei não o permite!!! Estas vítimas são casos assinalados e continuados num espaço temporal de entre 2 a 6 anos!! Porquê a vítima a sair da sua casa e não o agressor? Algo que já sucede em vários países. A vítima é obrigada a deslocar-se para uma casa abrigo ao passo que o agressor é que deveria ser punido!

Nós, mulheres do PP, defendemos que deveria prevalecer a junção de estratégias de proteção das vítimas e de repressão dos agressores, que aliadas se traduzem no aumento de segurança das vítimas e, que respondam eficazmente às suas necessidades de proteção e apoio. Se as entidades competentes trabalhassem mais nas estratégias de prevenção primária, na punição do agressor quando sinalizado, poderiam conduzir a uma diminuição de feticídios consumados e tentados em Portugal.

Nós, mulheres solidárias ao combate deste flagelo sugerimos mais atuação por parte do Ministério Público, que não se arquivem os casos mas se averiguem, que não se suspendam casos mas que se procurem provas! Exigimos trabalho conjunto por parte do Ministério Público com a PSP, PJ, APAV, UMAR e comissões de proteção à vítima de violência doméstica, que se crie condições para trabalhar em rede de apoio no sentido de uma maior proteção. Crie-se comissões para alterar a lei vigente a favor da mulher vítima e não continuamente proteger o agressor!

Em guisa de conclusão, vamos proteger a Mulher do nosso país! A Mãe, a avó, a filha, a esposa, a vizinha, a colega...

**Fátima Nóbrega**



# Jovem que apresentou queixa por alegados maus tratos regressou a casa

Um alegado caso de maus tratos de um casal à filha menor motivou a apresentação de uma queixa à Associação Portuguesa de Apoio à Vítima. O caso foi noticiado no Correio da Manhã onde foi dito que a menor tinha sido “espancada com um cabo de vassoura pelos pais adotivos”, mas a jovem de 17 anos já regressou a casa dos pais adotivos.

A Comissão de Prote-

ção de Crianças e Jovens de Vila Real acompanhou o caso e terá autorizado o regresso a casa da menor, depois de esta não ter confirmado as alegadas agressões e ter manifestado vontade de voltar para junto dos pais.

Segundo uma fonte ligada ao processo, o caso terá acontecido há três semanas. O pai terá admitido que deu “duas chapadas” à filha de 17 anos

e “puxou-a por um braço”, depois de a encontrar “em situação imprópria com um rapaz que conheceu na internet”. A jovem esteve, durante alguns dias, numa casa-abrigo, mas a guarda da menor nunca foi retirada aos pais adotivos. Segundo apurou o NVR, o casal vai avançar com um processo por difamação contra o jornal que noticiou a história.



**Discriminação** Homens homossexuais foram alvo de mais agressões do que lésbicas, segundo a ILGA

# Quase 700 agressões contra gays em 3 anos

Sara Dias Oliveira  
saradiasoliveira@jn.pt

► Um jovem de 16 anos contou aos pais que namorava com outro rapaz. Foi agredido com o cabo de um martelo e uma gaveta, murros, puxões de cabelos, abanões violentos. Ficou sem telemóvel, sem acesso à Internet, foi impedido de sair de casa. Entrou em depressão, teve pensamentos suicidas. Esta é uma das histórias do relatório anual do Observatório da Discriminação em função da orientação sexual e da identidade de género, da Associação ILGA Portugal – Intervenção Lésbica, Gay, Bissexual e Transgénero que hoje é apresentado, no 1.º Dia Nacional Contra a Homofobia e a Transfobia (preconceito contra pessoas homossexuais e transgénero).

Em três anos, a ILGA recebeu 661 denúncias de episódios de violência homofóbica e transfóbica: 158 em 2015, 339 em 2014 e 164 em 2013. Denúncias que, na sua maioria, são relatadas pelas próprias vítimas, mas também por testemunhas. Em relação à orientação sexual das vítimas, os gays continuam a ser mais discriminados do que as lésbicas. Em 2015, do total de casos, 44% são gays, 20% lésbicas, 11% bissexuais, 10% heterossexual. No ano anterior, 42% eram gays, 24% lésbicas, 17% bissexuais.

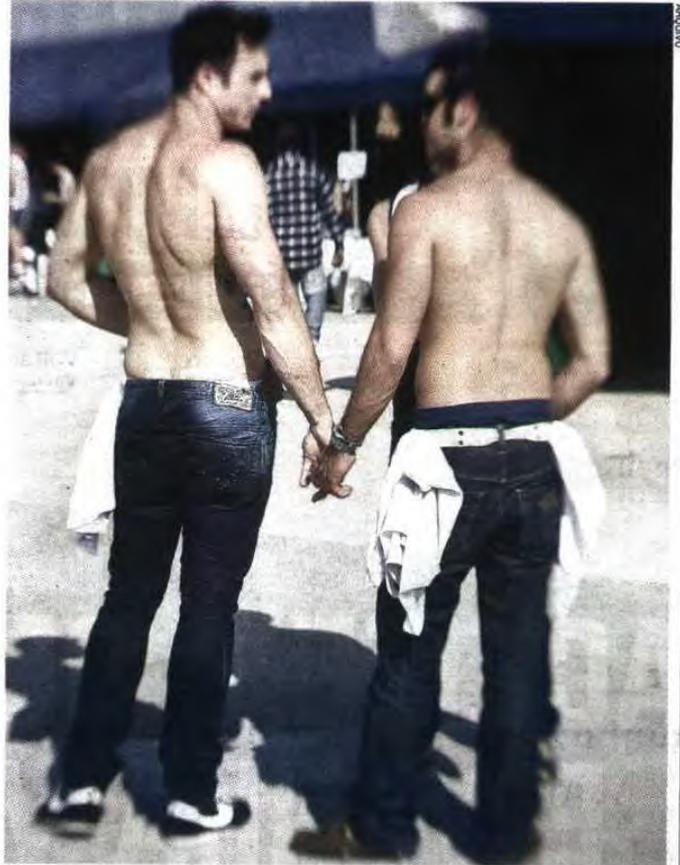
A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) também tem números. No seu relatório anual de 2015, nos relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo, há 57 homens e 74 mulheres vítimas de violência, num universo total de 18 mil. Eles têm uma média de idade de 45,6 anos, elas 44,3.

No ano passado, segundo o relatório da ILGA, 71% das situações foram motivadas por homofobia, 6% por transfobia e 11% por ambos os motivos. Os insultos e abusos verbais continuam a ser a forma mais comum de discriminação homofóbica e transfóbica no nosso país: 42% são abusos ou ameaças verbais, orais ou escritas; 20% casos de bullying; 16% tentativas de agressões físicas, 7% discriminação no local de trabalho.

Cerca de um quarto dos incidentes de discriminação relatados acontece na rua, 15% são situações online, 14% em casa e 13% na escola. E as idades das vítimas de discriminação em função da orientação sexual e identidade de género são baixas: 35% têm entre 18 e 24 anos, 18% têm menos de 18 anos e 12% mais de 40 anos.

E como estas discriminações afetam as vítimas? As respostas são reveladoras: 73% ficam abaladas psicologicamente, com depressão, baixa autoestima, ansiedade, tremuras, revolta, medo de sair de casa; 63% revelam impacto social que se reflete no isolamento, dificuldade em manter ou retomar laços sociais, inibições de demonstrações de afeto. E quase metade (49%) fala de impacto físico, nomeadamente ossos partidos, fadiga, aumento de peso e há mesmo um caso de cirurgia reconstrutiva devido a um espancamento.

A relação das vítimas com os agressores é, na maioria, desconhecida (40%), sendo que 8% são colegas da escola, 8% chefes ou colegas de trabalho, 7% pais, 3% companheiros ou cônjuges, 2% irmãos ou familiares. ●



Insultos e abusos verbais são as formas de violência mais frequentes

## dados do que aconteceu em 2015 :

### Homicídio na lista

● Em 2015, foi identificado um possível homicídio com motivação homofóbica. Um jovem de 14 anos agredido com violência extrema por um outro jovem já condenado.

### Baixa taxa de denúncia

● Apenas 29 casos foram denunciados formalmente. Nove dos quais a forças de autoridade e sete a associações de defesa de direitos humanos.

## Violência real é maior do que a denunciada

**SOCIEDADE** "O preconceito está muito enraizado e é preciso um trabalho sistemático de sensibilização a diversos níveis", refere Paulo Corte-Real, presidente da ILGA. As denúncias existem, mas o número de casos será maior. "Estamos no início de um processo longo", admite.

Muitas vítimas preferem não apresentar queixa. Uma mulher conta que, durante algum tempo, a sua casa era atingida com limões, ovos e pedras, enquanto ouvia lá

fora a palavra "fufa". A partir daí, ficou com medo de ir sozinha para casa ou permanecer sem companhia. Ela e a sua companheira decidiram confrontar um dos agressores e resolveram não apresentar denúncia. Este é mais um dos casos contados no relatório da ILGA. Mais um episódio de discriminação.

A abordagem tem de ser feita em várias frentes. "É necessário um trabalho de educação e formação de diferentes públicos, nomeada-

mente nas forças de segurança, justiça, educação e até na defesa", diz. E, além disso, é preciso explicar muito bem o assunto. "Perceber o que significa a discriminação e isso é uma situação difícil."

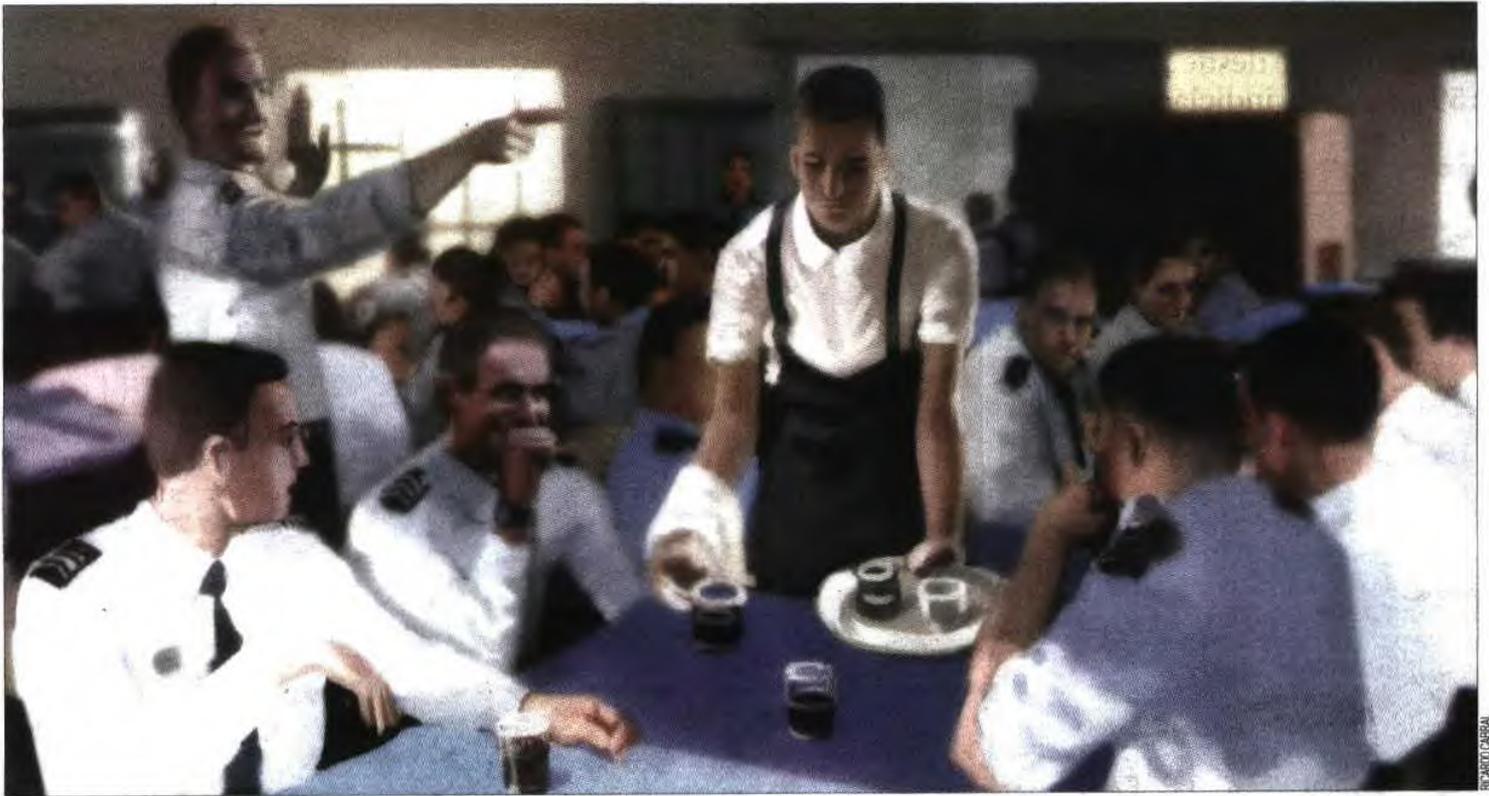
O documento da ILGA alerta para alguns fatores. A falta de formação de técnicos de áreas relevantes nesta matéria "persiste" e as políticas públicas pensadas para questões relacionadas com a orientação sexual e identidade de géne-

ro "são ainda incipientes".

Ficam os avisos. "A falta de formação contínua de profissionais de áreas estratégicas, a parca existência de mensagens claras e de campanhas de sensibilização promovidas por entidades públicas" concorrem para esta problemática, alerta o ativista, acrescentando que a falta de mecanismos de compensação específicos para estas vítimas contribuem para a desadequação das respostas. s.d.o.



## VIOLÊNCIA FÍSICA E PSICOLÓGICA



# Dispararam queixas de crimes contra gays

**DISCRIMINAÇÃO** ♦ Observatório denuncia casos de docente transexual e de militar gozados – este matou-se **CRIMES** ♦ Uma mulher foi atingida a tiro e um jovem gay agredido pelo pai à martelada

## MAGALI PINTO

**E**m março do ano passado, um soldado de 23 anos não resistiu à tortura psicológica feita pelos colegas na Base Aérea de Beja – a seguir a uma festa foi encontrado morto na camarata. Enforcou-se, vítima de bullying por discriminação sexual – o facto de, segundo outros militares, ser gay era motivo de chacota constante. E atingiu o limite depois de uma festa no clube de praças, onde os colegas levaram o “gozo” ao extremo.

Esta é uma das situações – noticiada na altura pelo **CM** – reportadas no Observatório da Discriminação, que refere que 158 pessoas denunciaram, em

2015, casos de discriminação sexual. Outra situação, também de consequências dramáticas, terminou em homicídio tentado – quando um homem, em Beja, em outubro, disparou sobre uma mulher de 52 anos ao suspeitar que esta tinha uma relação homossexual com a sua mulher. E entre as vítimas há ainda uma professora transexual em

Setúbal. Foi insultada pelos alunos em plena sala de aula.

Das 158 denúncias, 38 chegaram às autoridades, o que face ao ano anterior representa um aumento de 300 por cento. “É um aumento significativo da confiança nas autoridades e da certeza absoluta de que devem

## SAIBA MAIS

## 49

por cento das vítimas

foram alvo de violência, com fraturas de ossos, hematomas e automutilação, tendo mesmo existido um caso em que foi necessário recorrer a uma cirurgia reconstructiva na sequência de um espancamento.

## 131 queixas à APAV

Os gays e as lésbicas apresentaram durante o ano passado 131 queixas à Associação de Apoio à Vítima por violência ocorrida nos relacionamentos de intimidade entre pessoas do mesmo sexo. Números foram divulgados em março deste ano.

reivindicar os seus direitos”, diz ao **CM** Marta Ramos, coordenadora daquele observatório.

Das denúncias feitas, 81 foram apresentadas pelas próprias vítimas, 30 por testemunhas e as restantes 47 pela associação ILGA. De referir que 27 vítimas ainda não têm 18 anos, o que significa que uma em cada cinco é menor de idade. A rua, dentro de casa, no trabalho e na internet são os locais onde ocorrem mais casos de discriminação.

O observatório faz ainda referência a outro caso de violência extrema – quando um jovem de 16 anos foi agredido pelo próprio pai com recurso a um martelo ao contar aos progenitores que era homossexual. ●

NOTÍCIA EXCLUSIVA  
DA EDIÇÃO EM PAPEL

CORREIO  
da manhã



REGIONAL

# Algarve abriga vítimas de tráfico humano



Sara Alves

Sara Alves | sara.alves@barlavento.pt

Embora funcione desde 2014, muito poucos sabem que existe algures no distrito de Faro um Centro de Acolhimento e Proteção (CAP) a mulheres e crianças vítimas de tráfico de seres humanos. O «barlavento» entrevistou o coordenador do projeto

«Existem apenas três Centros de Acolhimento e Proteção (CAP) em Portugal. Dois destinam-se a mulheres e um a homens. Situam-se no Porto, Coimbra e Algarve», explica Daniel Cotrim, 43 anos, coordenador do projeto da Associação de Apoio à Vítima (APAV) a nível nacional. É natural que não existam muitas mais informações concretas sobre estes abrigos, uma vez que o sigilo e discrição são fundamentais e obrigatórios para a proteção e bem-estar das vítimas.

O CAP do Algarve é por isso, um segredo intencionalmente bem guardado. O espa-

ço destina-se ao acolhimento temporário mulheres e dos seus filhos, vítimas de tráfico de seres humanos e crimes sexuais, em situações de apoio urgentes, de transição, provisórias ou prolongadas e que necessitem de intervenção. São reencaminhados pela APAV através de «operadores de polícia criminal, Serviço de Estrangeiros e Fronteira (SEF) e Ministério Público. Têm sobretudo origem em processos de rusgas a bares, a quintas onde são obrigadas a trabalhar entre os mais variados locais que já são do conhecimento das autoridades. Contudo, a maioria vem en-

caminhada pelo SEF», revela.

O aumento do número de vítimas e a crescente eficácia do combate e investigação policial ao fenómeno de tráfico de pessoas foram os principais pilares que motivaram a criação desde espaço a sul. Nos últimos dois anos, o abrigo algarvio acolheu 16 pessoas. Desde o início de 2016, mais três vítimas deram entrada. No total, estão disponíveis oito vagas que Cotrim apança serem «suficientes». Até porque «nunca houve nenhum caso de lista de espera ou alguém cujo pedido tenha sido recusado por falta de espaço», reforça. «Apesar

das respostas serem suficientes, o que acontece é que até à vítima chegar a nós, o processo nem sempre é tão célere quanto gostaríamos». Este dirigente lamenta que há um intervalo temporal excessivo durante o qual as vítimas ficam desprotegidas, até darem entrada num dos Centros, por ordem judicial.

E quando estão finalmente alojadas nos CAP, muitas delas têm também processos em tribunal. Quer como testemunhas contra os traficantes, quer porque muitas estão ilegais no país e aguardam ordem do tribunal para serem ouvidas e saberem se ficam em Portugal ou se regressam aos países de origem.

Muitas das vítimas são cidadãs de nacionalidade estrangeira, sobretudo romenas. «Entraram em Portugal enquanto vítimas de exploração laboral ou sexual. Com promessas de trabalho noutra país e melhores condições de vida ou seduzidas por

companheiros via internet. Mas quando chegam a realidade que encontram é outra».

No CAP do Algarve opera uma equipa técnica e auxiliar multidisciplinar composta por sete profissionais. São educadores sociais, psicólogos, juristas e assistentes sociais que tentam devolver a estas mulheres alguma autonomia, confiança e qualidade de vida.

Sobre o centro, Cotrim explica que «é uma casa normal. Tem um conjunto de regras adaptadas e específicas para aquelas pessoas. Podem entrar e sair, procurar emprego, ter formação entre outras atividades paralelas à sua permanência. Por exemplo, como muitas das mulheres são estrangeiras precisam de aprender a língua portuguesa. Essa é uma das formações disponíveis».

Ainda assim são «espaços de alta segurança», que «passa por mecanismos ligados às autoridades, e outros expedientes», refere, sem reve-

lar muitos mais pormenores.

Em dois anos, e por ter «características muito especiais de proteção, nunca ninguém conseguiu encontrar» o abrigo. Para além disto, por questões de segurança e protocolo, as vítimas estão impedidas de dar entrevistas à comunicação social.

Não existe tempo máximo de permanência. As utentes são livres de ficar «até as coisas estarem decididas do ponto de vista judicial e o seu processo de autonomização estar concluído. Porém, em média e pela experiência dos últimos dois anos, acabam por ficar entre nove a dez meses». «Demasiado tempo», confidencia Cotrim. O Centro de Acolhimento e Proteção (CAP) para mulheres vítimas de tráfico de seres humanos e seus filhos é uma resposta especializada da APAV integrada na rede nacional de Casas de Abrigo para Mulheres e Crianças Vítimas de Violência.

# Curso de Violência Doméstica na Infância e na Adolescência Prevenção / Intervenção



A necessidade de sensibilizar e alertar para os Maus Tratos contra as crianças / jovens e para a importância crucial na deteção precoce, levou a Unidade de Cuidados na Comunidade Anadia - ACES Baixo Vouga - em colaboração com a Rede Social e CPCJ deste concelho, a promover o Curso de “Violência Doméstica - Prevenção e Intervenção”, nos próximos dias 1 e 2 de junho, das 9h30 às 13h30 e das 14h30 às 16h30, na Biblioteca Municipal de Anadia.

Esta ação tem como destinatários: Técnicos superiores da Saúde, Técnicos das CPCJ, Técnicos superiores da Educação, Técnicos superiores de IPSS e outros Técnicos com competência em matéria da Infância e Juventude.

Máximo: 25 formandos.

As inscrições são gratuitas mas obrigatórias até ao dia 27 de maio, para o seguinte email: [eventos.uccanadia@gmail.com](mailto:eventos.uccanadia@gmail.com) (indicar: nome / contacto / profissão / local de trabalho).

A inscrição é válida após confirmação da organização.

## Programa:

### Dia 1 de junho

Das 9h30 às 10h30 - Formadores: Silvana Marques - Coordenadora da Unidade de Cuidados na Comunidade de Anadia e João Anjos - Presidente da CPCJ de Anadia.

“Crianças e jovens vítimas de violência: compreender, intervir e prevenir”.

Das 11h às 13h30 - Formador: Ana Rita Alfaiate, Docente na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra e Investigadora no Centro de Direito da Família.

“Violência Doméstica e Crianças - O Sistema de Promoção e Proteção dos Direitos da Criança”.

Das 14h30 às 16h30 - Formador: APAV - Goreti Cardoso, Assessora Técnica do Gabinete APAV e Técnica do Projeto Care.

“Violência Doméstica - Articulação dos Serviços”.

### Dia 2 de junho

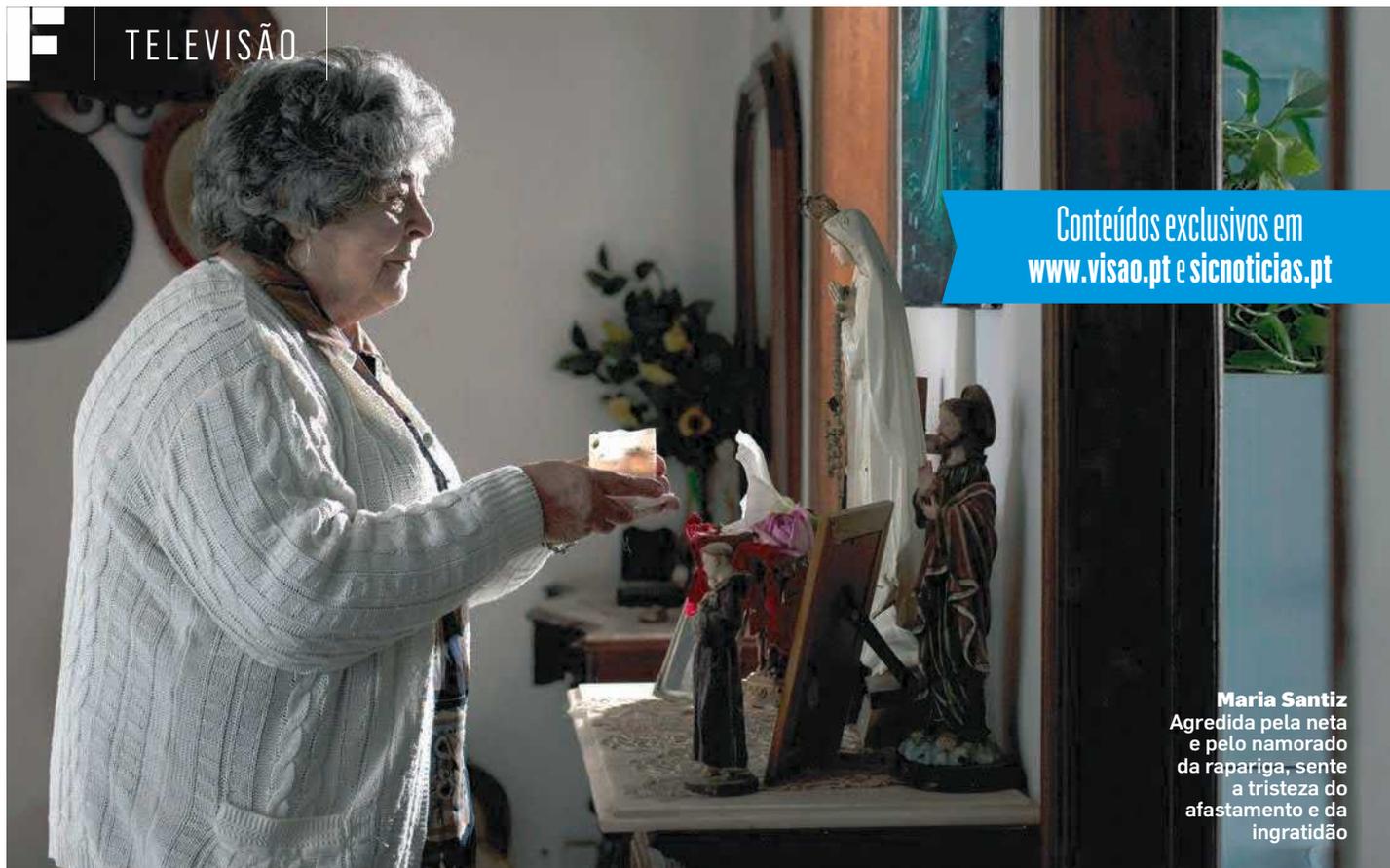
Das 9h30 às 13h30 - Formador: Rui Abrunhosa Gonçalves - Psicólogo Forense e Professor da Escola de Psicologia da Universidade do Minho.

“Avaliação e Intervenção Sobre Agressores Conjugais: Do risco de violência ao risco de homicídio”.

Das 14h30 às 16h30 - Formador: Eugénia Veiga (aguarda-se confirmação) - Direção Geral de Reinserção e Serviços Prisionais.

“O papel da Direção Geral de Reinserção e Serviços Prisionais no combate à Violência Doméstica”.

Das 16h30 às 17h - Avaliação.



Conteúdos exclusivos em  
[www.visao.pt](http://www.visao.pt) e [sicnoticias.pt](http://sicnoticias.pt)

**Maria Santiz**  
 Agredida pela neta  
 e pelo namorado  
 da rapariga, sente  
 a tristeza do  
 afastamento e da  
 ingratidão

FILIPE FARINHA

## “Raça dos velhos!”

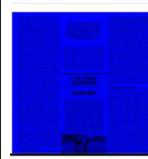
Como se não bastassem as maleitas da idade – as células que não se regeneram, o corpo que não obedece –, a nossa sociedade tende a desprezar a “geração grisalha”. Histórias de abandono, solidão e maus-tratos a idosos no próximo *E se Fosse Consigo?*, na SIC

✍ ANA MARGARIDA DE CARVALHO E CONCEIÇÃO LINO

**C**entro Comercial Colombo, fim da tarde. À porta de uma loja de roupa juvenil, uma rapariga adolescente arma uma zaragata, exige que a mãe lhe compre uns calções. Cabisbaixa, a mãe diz-lhe que não tem dinheiro. A rapariga dirige-se-lhe com agressividade, “ó mãe, ou lá o que tu és”, continua num registo ríspido, “não quero saber dessas merdas”. Insulta-a, chama-lhe “grande vaca” à frente de toda a gente. Apenas uma mulher de cabelos brancos se indigna e dirige-se à adolescente: “Então? Não se fala assim com a mãezinha.” Responde-lhe a adolescente aos gritos: “Sai

daqui velha nojenta se não queres que te parta a tromba.” A cena poderia ser encenada para o programa *E se Fosse Consigo?*. Mas não. Aqui não havia atores nem câmaras ocultas. Linda David presenciou tudo e correu a chamar o segurança que pouco se interessou por aquele alvoroço, “desde que não estejam a roubar nada...”. Linda é professora há mais de duas décadas, está mais do que habituada a lidar com jovens insolentes, até a meter-se nas brigas no recreio, mas na ocasião ficou petrificada. Chegou a casa a tremer, em frangalhos, conta, “aquela agressividade toda, aquela mãe infeliz... Senti-me magoada, humilhada na expressão triste daquela mãe aviltada”. Também Maria Gonçalves, professora num colégio de

recuperação de notas para meninos ricos, coleciona casos de ultraje de jovens a pais e a avós. “Às vezes, adivinhámos a agressão no pânico que os pais mostram quando se dirigem aos diretores de turma, evitando que os filhos saibam das suas preocupações.” Uma mãe confessou-lhe que o filho menosprezava e injuriava o pai deficiente e a desrespeitava quando se tentava impor, tendo-a agredido fisicamente. No colégio, já ouviu filhos em voz alta, alterada, a insultarem os pais. Gritam: “mentirosos”, “atrasos de vida”, “paranoicos”... Ameaçam: “vai à merda”; “vais ver o que vai acontecer”... Aos professores, chegam também avós, em casos de pais demissionários ou famílias em caos afetivo, que tentam ajudar, pagam as



propinas. “A tristeza é imensa, sente-se um silêncio imenso no olhar destes avós.”

Ao tribunal de Instância Central de Família e Menores vai parar todo o género de patologia social. A escritora e procuradora da República Julieta Monginho defende que se deve ter tolerância zero para casos de adolescentes que agredem os pais, mesmo quando estes – e acontece recorrentemente – os desculpabilizam. “É preciso chamá-los à responsabilidade e à realidade. Adolescentes entre os 12 e os 16 não podem ser julgados mas são imputáveis criminalmente. Ao insultar a mãe, estão a cometer o crime de injúria”, explica. E sendo assim, pode ser-lhe aplicada uma intervenção tutelar educativa, uma admoestação, uma obrigação de pedido de desculpa... “Casos de maus-tratos verbais aos progenitores não são para mim, e para os meus colegas, admissíveis, mesmo que as mães ou os pais perdoem. É como nos casos de violência doméstica entre casais, depois da agressão há sempre uma fase de reconciliação. Mas no que concerne aos filhos, as coisas pioram, porque uma mãe só *in extremis* comunica ao tribunal, e vai calando, calando...”

Nos comportamentos abusivos dos filhos, a autoridade e a competência de pai são postas em causa, e a procuradora refere “os sentimentos fortíssimos de culpa e de angústia”, que não se querem exteriorizar socialmente. O passado contribui, para haver um filho agressor, há qualquer coisa que falhou desde pequeno. “Hoje em dia, instalou-se a ideia de que os filhos são o centro, e são: só não podem tornar-se tiranos.” Enquanto crianças, estes agressores podem também ter assistido a uma humilhação constante da mãe por parte do pai ou vice-versa e tomarem essa relação como um padrão. Depois, continua a magistrada, existe uma propensão para se ser vítima daqueles de quem se gosta: “Não há maior fraqueza do que a paixão, o amor exacerbado, que é o estado de enamoramento permanente que sentimos pelos nossos filhos, o que faz com que eles possam aproveitar-se disso.” As situações de descontrolo familiar têm vindo a crescer, crianças em autogestão, pais ausentes, demissionários, ou que levam o dia, de manhã à noite, a trabalhar. O absentismo escolar em crianças cada vez mais novas é a pontinha do icebergue: “Se os pais nem conseguem que eles compareçam na escola, que é obrigatória, não conseguem nada.”

Silenciados pelo medo e pela vergonha,

**Com a crise, muitas famílias voltaram para casa dos pais. Em vez de serem apoio, ficam-lhes com o espaço e a pensão, insultam-nos, limitam-nos na sua dignidade. Apenas um terço dos idosos denuncia**

quanto mais os pais envelhecem mais se agrava a situação. Diz a OMS, a Organização Mundial de Saúde, que 40% da população idosa é vítima de maus-tratos. Em Portugal, na fase de crise, quando milhares de famílias entregaram a casa ao banco e regressaram à dos pais, estes tornaram-se, muitas vezes, ainda mais sós, acossados nas suas próprias moradas, privados do seu espaço e da pensão de reforma. E da sua dignida-

**E SE FOSSE  
CONSIGO?**

**O peso da idade**

Num jardim, um idoso é maltratado por uma mulher que cuida dele. Recusa dar-lhe água, grita com ele, chama-lhe velho. Pelo local movimentado, passa muita gente que trabalha ou vive por ali. Os dois são atores, recrutados pela ACT-Escola de Atores de Lisboa, mas a cena que protagonizam podia ser real. Quantos estão dispostos a parar para pôr fim à situação ou saber se o idoso precisa de ajuda? Este é o ponto de partida do programa da SIC sobre a forma como os mais velhos são tratados. Segunda-feira, às 20h50, em simultâneo da SIC e na SIC-Notícias, seguido de debate na SIC-Notícias.



de. “Vivem no terror, mas os pais agredidos perdoam”, comenta Teresa Figueiredo, enfermeira, que faz assistência domiciliária na Pontinha (Amadora) e já ajudou muitos idosos a reagirem judicialmente a casos de violência, negligência, privação de alimentos e até de violação por parte de familiares.

O professor José Ornelas, da área da psicologia comunitária do ISPA – IU, chama a atenção para o idadismo, para a tendência crescente na nossa sociedade para desvalorizar o mais velho: “Há um desempoderamento da pessoa mais velha, e a violência surge sempre de questões de poder. O idoso deixou de ser considerado fonte de saber ou contador de histórias, como antigamente. A violência sobre eles também vem dessa quebra de estatuto social.” A mudança de paradigma social, a existência de cada vez mais pessoas velhas lúcidas, com vida própria e autonomia financeira, vai ser o grande tema para as próximas décadas. Até lá, o professor critica a psiquiatrização e a medicalização excessiva, como se a demência fosse um sintoma, o envelhecimento tratado como uma doença, e não como um processo normal. “Tudo isso torna os velhos mais frágeis, mais passivos, apáticos, sem capacidade de chorar ou de se emocionar.”

#### **A VIOLÊNCIA MAIS INVISÍVEL**

Para Maria de Oliveira, técnica da APAV na área de violência contra idosos, nada disto é novidade. Num estudo, agora divulgado, desenvolvido entre 2011 e 2014, que envolveu múltiplas entidades, como o Instituto Ricardo Jorge, a GNR ou a APAV, estimou-se que 12,3% da população com mais de 60 anos (314 mil pessoas) foi vítima de, pelo menos, uma conduta de violência por parte de um familiar, amigo, vizinho ou profissional remunerado. Prevalencia a violência psicológica e financeira, sobretudo dos descendentes, e apenas um terço das vítimas apresentou queixa. A invisibilidade deste problema, explica, deve-se ao desconhecimento: “A sociedade está alerta em tudo quanto toca à criança ou à mulher, mas ainda não aos idosos. Por parte deles existe vergonha, receio em denunciar os filhos ou noras, até porque são dependentes deles, quanto mais não seja emocionalmente.” Basta estar atento, diz, à violência verbal das pessoas, que parece generalizada e socialmente aceite, e à facilidade com que se exclama “a raça da velha que nunca mais atravessa a passadeira” ou se insulta o velhote que demora a fazer os pagamentos no



TELEVISÃO

Multibanco. Nos idosos com idade superior a 76 anos, o risco de ser vítima aumenta 10% por cada ano de vida.

Maria Santiz tem 75 anos, e quando pensava que podia enfim descansar, depois de uma vida complicada, cheia de dificuldades e aflições, entrou-lhe pela casa o seu maior pesadelo: a neta e o namorado. Costureira de profissão, enviuvou recentemente, ela e a filha, deficiente auditiva (depois de uma meningite aos 9 meses) cuidavam-se mutuamente. A neta era a alegria da casa. Os avós fizeram “o impossível” por aquela menina. “Cuidámos melhor dela do que dos nossos próprios filhos. Fazíamos-lhes as vontades todas, com muito mimo, muito carinho, tudo o que ela quisesse, piano, ginástica, natação...”, conta. Sempre a achou um pouco revoltada (“talvez por o pai a ter abandonado com cinco anos, nunca mandou um tostão e não quis saber mais dela, não sei...”) e com a idade cresceu também a agressividade. Aos 19 anos trouxe um namorado, 10 anos mais velho, lá para casa. Maria pensou que sempre era uma ajuda, a deficiência da filha requeria cuidados que ela já não se sentia capaz de dar. Viviam todos à custa da pensão que o marido lhe deixou, “dava-lhes tudo, ficava sem dinheiro nenhum. O que podia fazer mais?”. Pouco tempo depois, o namorado da neta levava-lhe o carro às escondidas e o cartão multibanco. Quando ela protestava, voltavam-se os dois contra ela, violentamente. “Sen-

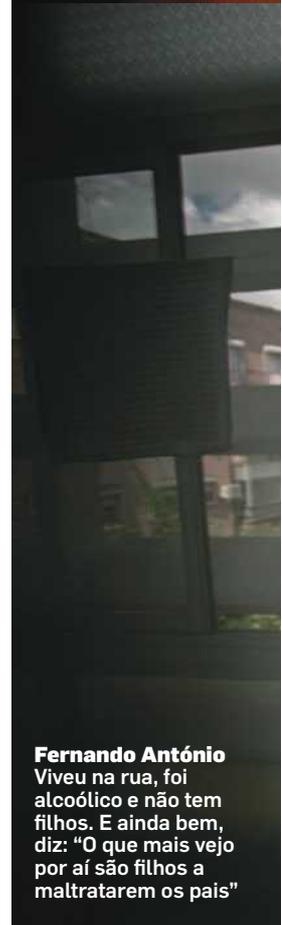
tia-me indefesa, na minha própria casa, fechava-me no quarto.” Nunca presenciou, mas acredita que a filha foi espancada, a mulher de 45 anos aparecia-lhe negra, cheia de hematomas e não podia explicar como. Vivia com medo que lhe batessem também a ela – “a mim que qualquer sopro me faz cair”. Mandou a filha para uma instituição para a proteger, refugiava-se, assustada, em casa de amigos e de um outro filho. A neta gritava-lhe coisas tão terríveis, que está convencida de que a tentava matar do coração (é doente cardíaca e já foi operada duas vezes). Hoje, com a ajuda da APAV, já se sente mais tranquila, trouxe de volta a filha, e a neta e namorado estão impedidos judicialmente de se aproximarem, mas, ainda assim Maria pôs trancas à porta. Vêm-lhe lágrimas ao pensar na ingratidão da neta. Talvez lhe perdoe, “é o meu sangue que lhe corre nas veias”.

#### SOZINHOS NO MUNDO

Além dos maus-tratos, os nossos idosos sofrem de solidão crónica e prolongada – um mal ainda mais difícil de combater. À hora do almoço, na freguesia de Arroios (uma das mais envelhecidas de Lisboa), a média de idade dos comensais, no Centro Social Paroquial de S. Jorge, é de 83 a 85 anos. O centro dá apoio a 70 idosos no centro e a mais 85 em apoio domiciliário. Pedro Raul Cardoso, responsável pelo centro, conta que organizam festas de família, mas a maioria dos familiares não aparece ou está longe ou pura e simplesmente não quer saber. Para obstar a muitas vidas solitárias e desprotegidas, em quartos decrepitos, sem WC decente, nem acesso à cozinha, num regime de subarrendamento, a junta em colaboração com a Santa Casa da Misericórdia criou, a 16 de dezembro de 2015, três repúblicas seniores. Aqui, cada idoso tem o seu quarto num apartamento, reparte as despesas de água, luz e gás e define, em convivência com os companheiros, as suas próprias regras, como numa república de estudantes, para que se sintam o mais possível em casa, com autonomia e liberdade, e não num lar de idosos. O conceito é inédito no País e poderá ser replicado no Barreiro ou em Aveiro. António Costa é residente numa das repúblicas. Antes, viveu anos num quarto sem condições. Foi atacado por um dos outros hóspedes. Sem qualquer razão, um rapaz toxicod dependente bateu-lhe à porta e deu-lhe um soco que lhe fraturou um maxilar. “Porque não prendem um



**António Costa**  
Abandonado pela família, sem amigos, conseguiu um quarto numa das repúblicas seniores de Arroios. Antes foi vítima de uma agressão que lhe rachou o maxilar



**Fernando António**  
Viveu na rua, foi alcoólico e não tem filhos. E ainda bem, diz: “O que mais vejo por aí são filhos a maltratarem os pais”

## Sozinhos em casa

# 39 216 IDOSOS

sinalizados pela GNR

## 23 996

viviam  
sozinhos

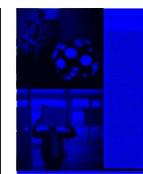
## 6 727

em  
situação de  
vulnerabilidade física e  
psicológica

## 3 288

viviam  
sozinhos  
e isolados

Fonte: Censos Sénior 2015, GNR



indivíduo que ataca um velho indefeso?”, pergunta-se. Foi para o Hospital de S. José, mandou um recado à família para o irem visitar – ninguém apareceu. O ex-gestor mobiliário na área da banca teve uma vida de conforto, nunca esperou, confessa, acabar assim. Divorciado, não quer dar muitos pormenores, mas lá vai dizendo que é proscrito pela família, desavenças, questões de heranças... “assim que eu deixei de interessar em termos de dinheiro, puseram-me a andar de casa sem mais nem menos”. Com oito doenças crónicas, António não tem ninguém, os amigos foram morrendo, existe um primo longínquo que raramente vê. Sempre fez tudo pelos outros, deu tudo aos outros, afirma. “Sinto-me muito só. O lado afetivo é sempre mais difícil de resolver. Psicologicamente não tem solução. Não era esta a minha ideia de futuro”, comenta.

Fernando António, 69 anos, também teve esta sorte de lhe arranjam quarto numa das repúblicas de Arroios, após tantas desditas. Foi motorista durante 30 anos, depois a empresa rescindiu o contrato, viu-se inativo sem idade para a reforma, passou por uma fase de alcoolismo, dormiu na rua, à porta da igreja, durante cinco anos. Quando largou a casa onde vivia, não avisou o senhorio e as dívidas das rendas acumularam-se. Calcula que só terminará de pagar em finais dos anos 20 – prefere nem fazer as contas. Também foi agredido em quartos manhosos, também se viu sozinho no mundo. Nunca casou, não teve filhos, os primos emigraram, perdeu-os de vista. Perdeu-se de toda a gente. Mas não se arrepende. “E ainda bem que não tive filhos, pelo que vejo aí. Já nem os filhos passam cartão aos pais, veem-se desempregados, vão para casa deles e levam-lhes tudo.” Começou a trabalhar aos 13 numa serração, depois, aos 14, foi para ajudante de padeiro (punha o despertador debaixo da almofada para acordar às 2 da manhã), e a melhor fase da vida dele, conta, foi a da tropa: “Tinha casa, cama, roupa lavada, 90 escudos por mês e ainda me davam férias... O que se pode querer mais?” Vem-lhe à cabeça a frase que uma namorada lhe disse, “agora não me queres, mas quando fores velho vais lembrar-te de mim”. “É engraçado”, comenta, “agora lembro-me mesmo muitas vezes disso”. Já não tem sonhos, nem sente falta de nada. Talvez um único desejo: o de ir dar um passeio de carro a Setúbal ou até a Fátima, com alguém ao lado. Mas acha que nunca lhe vai acontecer.  [amcarvalho@visao.impresa.pt](mailto:amcarvalho@visao.impresa.pt)

{ Living

TORNE-SE  
ESPECIALISTA*(em)* Defesa pessoal

Quando é impossível evitar uma situação de perigo, é importante saber defender-se de um agressor. Combata as estatísticas violentas e proteja-se.

## Verdadeiro ou falso?

**O PRIMEIRO PASSO PARA SAIR DA ZONA DE PERIGO É ANALISAR TODOS OS ASPETOS DA SITUAÇÃO LIMITE. DESVENDAMOS OS MITOS E EXPLICAMOS COMO PROCEDER.****1 Deve gritar-se o mais alto possível?**

"O atacante está preocupado também com a sua segurança e não quer chamar as atenções por isso não quer que a vítima faça barulho. Gritar e fazer todo o barulho possível pode levar a sua fuga precipitada", explica o especialista.

**2 Deve ligar-se a alguém para pedir ajuda?**

O ideal é ter o número nacional de emergência à mão e pedir auxílio, se a situação assim o permitir, explica o especialista. Coloque na marcação rápida do smartphone: 112.

**3 Deve tentar-se chamar o agressor à razão e negociar com ele?**

São extremamente raros os casos em que o agressor recua do conflito devido à negociação. Contudo, se sentir oportunidade para tal, apenas deverá fazê-lo se tomar as devidas precauções, para não ser surpreendida.

**4 Deve dizer ao agressor que sabe defender-se?**

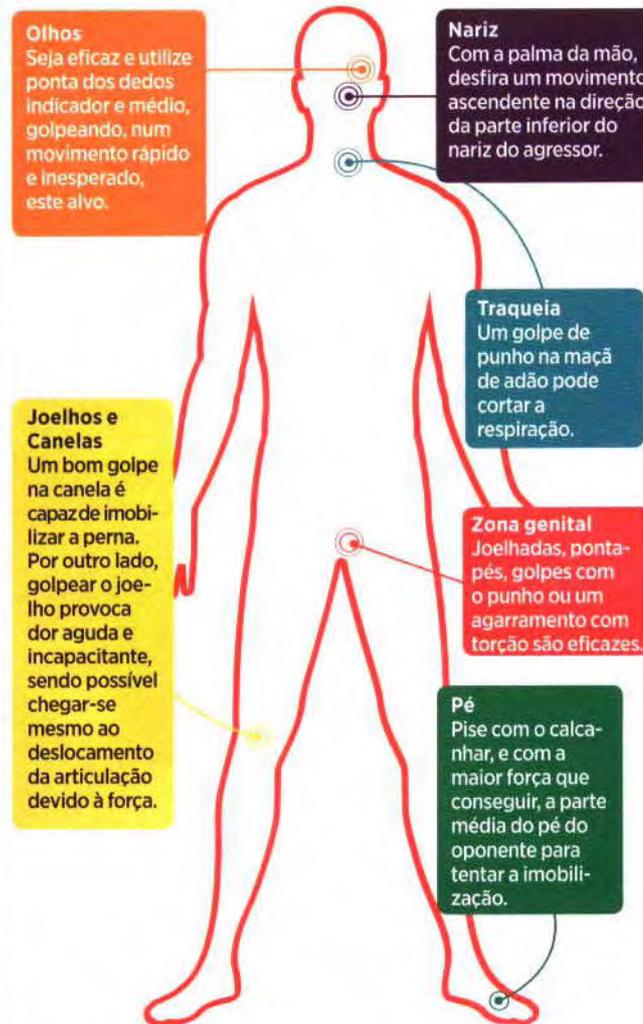
"Isso não é de todo aconselhável. Quem precise de se defender tem uma vantagem adicional se surpreender o atacante com uma resposta rápida", diz Luís Ferraz.

**5 Devem dar-se golpes o mais rápido e forte possível?**

Sim, mas só se dominar as técnicas de defesa pessoal. O importante é gastar a energia em golpes certos e explosivos. O treino pode ajudá-la a atuar eficazmente.

## Saber usar o corpo como arma de defesa

No uso de técnicas de autodefesa (especialmente no caso das mulheres) é preciso compreender que o objetivo final é conseguir fragilizar o atacante para que a vítima consiga chegar a um local seguro. Luís Ferraz, responsável técnico e pedagógico do Núcleo de Defesa Pessoal de Lisboa ([www.autodefesa.pt](http://www.autodefesa.pt)) ajuda-nos a desmistificar o tema.



No campo da utilização de técnicas de combate para a autodefesa, levanta-se a questão da legítima defesa, prevista pela Lei nos artigos 31º a 33º do código penal. É fundamental interpretar estas técnicas como um recurso de proteção e não agressão, evitando reações desproporcionais

## A mulher e a defesa pessoal

## A APOSTA NA APRENDIZAGEM PARA A SEGURANÇA PESSOAL

O Núcleo de Defesa Pessoal de Lisboa ([www.autodefesa.pt](http://www.autodefesa.pt)) tem vários programas de autodefesa criados a pensar nas mulheres. Além do programa regular "Autodefesa e Prevenção do crime" (leccionado no centro desde 1992), existe ainda o módulo "Antiviolação" e módulos de autodefesa para vítimas de violência doméstica (este último com possibilidade de ser gratuito para pessoas com dificuldades económicas).

## Escudos tecnológicos

## O SMARTPHONE AJUDA

Vale a pena descarregar aplicações que possam ajudá-la a sentir-se segura e a pedir ajuda de forma rápida. A **Watch Over Me** faz o smartphone emitir um alarme de emergência (se agitado numa situação de perigo), que inicia uma gravação vídeo, acende a lanterna do telemóvel e alerta os contactos de emergência. Outra boa opção é a **Circle of 6** que permite fazer chamadas imediatas para até dois números de emergência nacional pré-programados. Por fim, a app nacional **Infovítimas** pretende ajudar as vítimas de crime a encontrar informação sobre o processo-crime, assim como sobre os direitos que detêm e serviços de apoio disponíveis. (todas são gratuitas e estão disponíveis para Android e iOS).

## Armas de Mulher

## TUDO O QUE DEVERÍAMOS TER NA MALA

Certamente pensou em sprays (sendo o mais famoso o de pimenta). No entanto, em Portugal, é necessária uma licença para utilizar este tipo de recurso. Opte antes por laca, perfume ou desodorizante em spray – ardem na mesma nos olhos do atacante. Adicionalmente, e como explica Luís Ferraz, "as armas improvisadas passam por coisas muito simples e de uso diário, tais como: chapéu de chuva, mala, lima, chaves, cartão de crédito, sapato".

## Números S.O.S

## PEDIR AJUDA PODE SER A ARMA MAIS PODEROSA

Os números que se seguem podem ser determinantes em situações de violência, sejam estas isoladas ou continuadas.

- Número nac. de emergência: 112
- Linha nac. de Emergência Social: 144
- Serviço de Informação a Vítimas de Violência Doméstica: 800 202 148
- Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV): 707 20 00 77
- Linha SOS Mulher: 808 200 175
- Serviço de Apoio à Mulher Vítima: 808 200 17



## Primeiro Plano



### Vocalista dos UHF perseguido durante anos

O vocalista da banda de rock UHF, António Manuel Ribeiro, foi perseguido vários anos por uma fã, que acabaria condenada a uma pena de prisão de dois anos, suspensão, e a pagar uma indemnização de 22,5 mil euros. Foram provados crimes de ameaça agravada, perturbação da vida privada e injúria.



### Incomodado via telefone, em casa e até no médico

O Tribunal de Almada deu como provado que a mulher, licenciada em direito, fez centenas de telefonemas e enviou SMS e email ao vocalista dos UHF, perturbando-lhe a "paz e o sossego da vida privada". António Manuel Ribeiro foi perseguido na rua, vigiado à porta de casa, em consultas médicas e estádios.

"Stalking" MP instaurou 100 inquéritos nos primeiros três meses do ano

# Uma nova investigação todos os dias por crimes de perseguição

Nelson Morais e Nuno Miguel Maia  
justica@jn.pt

► No primeiro trimestre do ano, o Ministério Público (MP) instaurou "cerca de uma centena" de novos inquéritos para investigar alegados crimes de perseguição. Foi uma média superior a um processo por dia, que já quase havia sido atingida nos primeiros quatro meses de existência deste novo tipo de crime, internacionalmente conhecido por "stalking". Entre setembro e dezembro de 2015, tinham sido iniciadas 70 investigações, começou por contabilizar a Procuradoria-Geral da República.

"Podem dizer que são poucos crimes [participados ao MP], mas, no nosso entender, são muitos", comenta Daniel Cotrim, da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV). Para este especialista em violência doméstica e "stalking", 170 processos criminais em sete meses são "muitos", porque está em causa um novo tipo de crime, cuja revisão no Código Penal ainda será desconhecida da maioria da população. Além disso, "muitas vezes, as pessoas não têm noção de que estão a ser vítimas de assédio persistente. Só quando começam a ter de alterar

as suas rotinas é que compreendem", acrescenta.

**"Stalking" ligado a violência**  
Desde setembro, comete crime de perseguição e pode ser punido com pena até três anos de prisão quem, de modo reiterado, perseguir ou assedi-

ar outra pessoa, por qualquer meio, direta ou indiretamente, de uma forma que possa provocar à vítima medo ou inquietação, ou prejudicar a sua liberdade. Pode ser, por exemplo, o caso típico do marido que não se conforma com a separação da mulher e a persegue e vigia, envia men-

sagens, telefona, deixa-lhe recados no emprego e manda flores.

"Até agora, isto não era tipificado como crime e as vítimas não tinham forma de apresentar queixa. Agora, é crime e já podem queixar-se", compara Cotrim, sublinhando que "a maior parte dos casos aparece ligada à violência doméstica" e, em casos extremos, "pode ser preditor de um homicídio".

**Processos são ponta do icebergue**  
Na APAV, acredita-se que a realidade do "stalking" é bastante mais negra do que pode sugerir a leitura dos números do MP. "O icebergue é muito maior debaixo de água", ilustra Daniel Cotrim, defendendo que 170 processos em sete meses "não refletem, de todo, a realidade".

Calcular as cifras negras de um crime nunca é uma tarefa fácil, mas a APAV tem um indicador que já suplantou os números do MP. Ao longo do ano passado, através dos seus 15 gabinetes e da sua linha telefónica (118 006), a associação recebeu queixas e pedidos de ajuda por 445 situações de "stalking", equivalentes a cerca de 2% da totalidade dos 23326 crimes que lhe foram reportados pelas vítimas em 2015. ●

U. Minho Inquérito sobre amo

## Um quinto é ou foi vítima de perseguição

► Um inquérito realizado pelo Grupo de Investigação sobre Stalking em Portugal (GISP), da Escola de Psicologia da Universidade do Minho, concluiu que 19,5% dos participantes foram vítimas de "stalking" em algum momento das suas vidas. Extrapolando o resultado para a globalidade da população portuguesa, dir-se-á que o problema do "stalking", ou perseguição, afetou ou afeta cerca de dois milhões de cidadãos. O estudo baseou-se numa "amostra representativa da população portuguesa", com idade superior a 16 anos, através de 1210 "entrevistas cara a cara", indica o resumo do trabalho constante do catálogo

### particularidades :

#### Diretrizes de Istambul

● A lei que criou o crime de perseguição entrou em vigor em setembro de 2015, por respeito à Convenção de Istambul, onde o Conselho da Europa aprovou, em 2011, diretrizes para o combate à violência doméstica e contra as mulheres. Naquela 38.ª alteração ao Código Penal de 1982, também foi criado o crime de casamento forçado, autonomizado o de mutilação genital e alterados os de violação, coação sexual e importunação sexual.

#### Prisão até três anos

● Quem, de modo reiterado, perseguir ou assediar outra pessoa, por qualquer meio, direta ou indiretamente, de forma adequada a provocar-lhe medo ou inquietação, ou a prejudicar a sua liberdade de determinação, é punido com pena de prisão até três anos ou pena de multa, se pena mais grave não lhe couber por força de outra disposição legal. A tentativa também é punível.

#### Perseguidores de pulseira

● Os arguidos também podem ser punidos com uma pena acessória de proibição de contacto com a vítima pelo período de 6 meses a 3 anos. A obrigação de se manterem afastados da casa ou emprego da vítima pode ser fiscalizada através de pulseira eletrónica. Esta faz emitir um alerta quando o perseguidor se aproxima de um aparelho que a vítima tem em casa ou deve trazer consigo.



O crime de "stalking" está intimamente ligado a violência doméstica



### Atriz alvo de fã durante mais de ano e meio

A atriz Patrícia Tavares (na foto) também foi vítima do assédio por parte de um fã. Durante ano e meio, foi perseguida e alvo de "mensagens ordinárias", que incluíam referências à filha. Em 2014, o indivíduo foi condenado no Tribunal de Loures a multa de 2750 euros e indemnização de sete mil euros.



### Condutas de "stalking" integram outros crimes

Antes de ser criado o crime de perseguição ("stalking"), as condutas poderiam preencher outros ilícitos. São os exemplos de ameaça, injúria, coação, devassa da vida privada ou fotografias ilícitas. Só assim foi possível acontecer a condenação de fãs do músico António Manuel Ribeiro e da atriz Patrícia Tavares.

### Processo por ameaça, injúria e difamação

O inquérito-crime instaurado pela queixa de Luís Alves da Costa, professor e autor do blogue "Cyberstalking em Portugal" (ler texto em baixo), foi aberto antes da introdução do crime de perseguição no Código Penal, tendo sido registado, em 2012, para investigação de ameaça, injúria e difamação.



stra da população portuguesa

go de publicações do Centro de Estudos Judiciários, de dezembro de 2015. Segundo o GISP, 11% das alegadas vítimas de "stalking" inquiridas disseram que andavam a ser perseguidas aquando da realização do inquérito. Do grupo vitimado, 40,2% foram alvo de um "conhecido/colega/familiar/vizinho". E, dessas vítimas, 31,6% referiram que a perseguição resultou de uma relação de intimidade, atual ou passada. "Tentativas de contacto indesejado, aparecimento em locais habitualmente frequentados pela vítima, ser alvo de perseguição ou vigilância foram os comportamentos mais relatados", reportou o GISP. Mais de 80% das vítimas referiram que os comportamentos de perseguição ocorriam "diária ou semanalmente". Ainda segundo o estudo, "as áreas mais afetadas foram a saúde psicológica e os estilos de vida". Apenas 40,7% das vítimas "procuraram algum tipo de apoio". A maioria considerou que a ajuda recebida foi útil.

## "Qualquer coisa de monstruoso, doentio"

**PERSEGUIÇÃO NA NET** "Sou, basicamente, professor, e estou há nove anos a ser acusado de pedofilia, entre outras coisas. Alguém tem de me defender", pede Luís Alves da Costa, entre o desespero e a revolta, por a Polícia Judiciária (PJ) e o Ministério Público ainda não terem identificado a pessoa que o tem "perseguido e difamado" na Internet, desde 2007, e contra a qual apresentou queixa-crime.

"É qualquer coisa de monstruoso, doentio", diz este professor de uma escola de Lisboa, também pintor, poeta e, por reação ao sucedido, autor do blogue "Cyberstalking em Portugal".

A história começa noutro blogue: "The Braganza Mothers". Luís era coautor e suspeita que quem lhe tem feito a vida negra desde 2007



Luís Alves da Costa lamenta que as autoridades não descubram quem o persegue

também o foi. Primeiro, há uma "fase afável", com convites para ele a visitar em casa. Luís não foi a Gaia; foi ela a Lisboa. "Estivemos duas horas numa esplanada no Oriente, até ela apanhar o comboio". A seguir, "duas ou três mensagens estranhas", e uma pergunta: "Amas-me?". A resposta dececionou-a e teve réplica: "Acabei de te entregar nas mãos de Deus". Luís e a tal mulher, ex-cooperante do Opus Dei que tem uma escrita sarcástica e "conhecimentos informáticos acima da média", nunca mais dialogaram.

Mas alguém passou a perseguir e atacar Luís em inúmeros sítios da Internet, sobretudo blogues, investindo também contra pessoas e instituições próximas dele. Uma colega sua, professora, foi acusada de se prostituir; e a escola onde Luís ensina Matemática foi apresentada como "um antro de pedofilia".

A perseguidora, além de difundir dados pessoais sacados a Luís na "fase afável", também se faz passar por ele e envia mensagens para os seus contactos. Alguns destinatários responderam a Luís e o equívoco foi esclarecido; outros ainda desconhecem a verdade, receia.

Luís tentou resolver as coisas a bem e escreveu ao diretor da escola onde a suspeita é professora, pedindo-lhe para mediar o conflito. Mas acabou processado por difamação, em 2012, e pagou umas centenas de euros para não ir a julgamento. No mesmo ano, a PJ e o Ministério Público iniciaram uma investigação. Sem buscas nem perfi-

### Docente é perseguido há nove anos e o processo-crime está para ser arquivado

cias a equipamentos informáticos, não apuraram a identidade de quem está por detrás dos "nicknames", heterónimos, perfis e endereços envolvidos nos ataques a Luís. Por esta razão, o Ministério Público acaba de notificar o queixoso, antecipando o arquivamento do inquérito. Mas desafia-o a deduzir acusação particular contra a suspeita. ●

# NOITE SOLIDÁRIA NO BAILE DA FLOR DO ESTORIL

**GILDA PAREDES ALVES** volta a organizar a gala que rende homenagem à ilha da Madeira

A festa foi de elegância e de solidariedade. Uma vez mais, GILDA PAREDES ALVES foi a anfitriã do Baile da Flor. A noite, que decorreu no Hotel Palácio Estoril, reuniu vários nomes conhecidos, com o intuito de ajudar "a APAV, A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, que desenvolve um grande trabalho", afirmou, emocionada, Gilda Paredes Alves, com a adesão de 260 pessoas. A iniciativa, que vai já na sua décima sexta

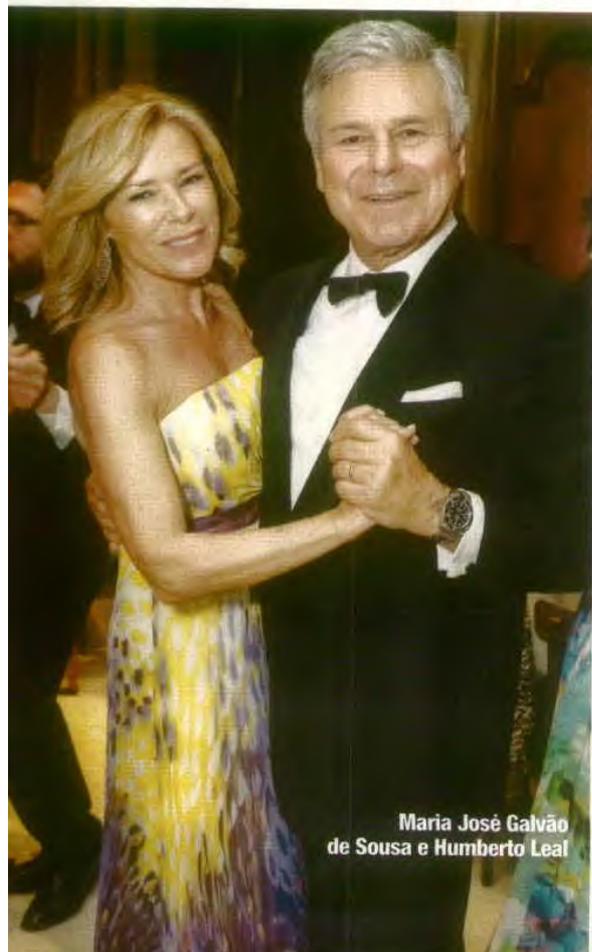
edição, contou com ISABEL BORGES como a responsável pela decoração e com o apoio da Secretaria da Cultura, Turismo e Transportes da Madeira, que enviou flores e vinho. Entre o jantar e o baile, WANDA STUART e a Escola Flamenca da Andaluzia foram os responsáveis pela animação.

A blogger espanhola FIONA FERRER esteve no baile e fez questão de publicar tudo na sua plataforma digital. [VIA](#)

Texto: Alberto Madeira Miranda, Fotos: Jorge Firmino.



Uma vez mais, a elegância voltou a marcar o Baile da Flor. Foram muitos os que se quiseram associar a esta noite de solidariedade.



Maria José Galvão  
de Sousa e Humberto Leal



Teresa  
d' Arriaga



Aline e Thomas  
Hall de Beuvink



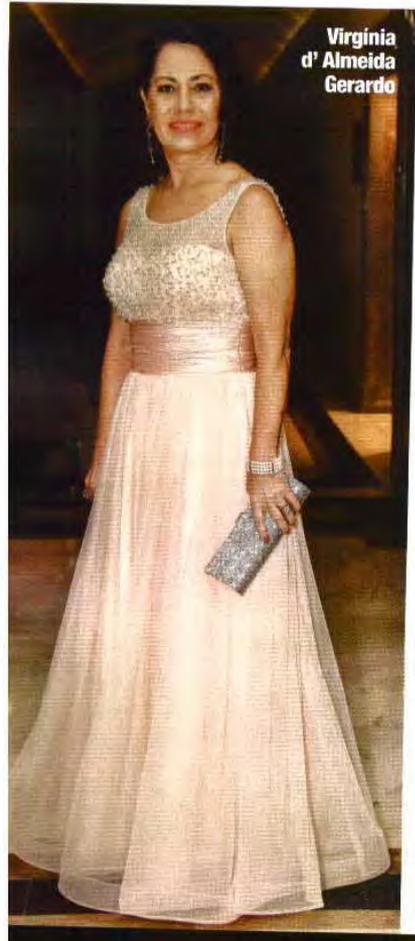
Gilda Paredes Alves (ao centro) foi a anfitriã desta noite solidária



Teresa Pinto Coelho

...dade, cujas receitas reverteram a favor da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima

Bebé e José Mesquita (em baixo) não faltaram ao tradicional baile que Gilda Paredes Alves organiza anualmente no Hotel Palácio Estoril



Virgínia d' Almeida Gerardo



Palmira e José Costa Leite



## Fotos: 16º Baile da Flor sob o signo da Madeira



Gilda Paredes Alves reuniu 260 participantes no solidário Baile da Flor, já na sua 16ª edição, sob o signo da Madeira.

A sala foi decorada pela criativa Isabel Borges, responsável pelos bonitos vestidos que desfilaram na Festa da Flor Madeira e que vieram para Lisboa para receber os convidados . O baile contou com o apoio da Secretaria Regional da ,Cultura , Turismo, Economia e Transportes da Madeira.

A receita deste ano ascendeu aos 5.400€ que reverteram a favor da APAV (Associação Portuguesa de Apoio à Vítima).

Além de muitas figuras conhecidas da nossa praça, esteve presente a blogger espanhola Fiona Ferre.



03.05.2016 01:45

## Sargento e advogada espancam filha adotiva

Jovem ligou à APAV após ser agredida com cabo de uma vassoura.

Por Nelson Rodrigues, Tânia Laranjo

Espancada com um cabo de vassoura pelos pais adotivos, um sargento do Exército e uma advogada, a jovem de 17 anos ligou para a APAV (Associação Portuguesa de Apoio à Vítima) a denunciar a violência. Foi hospitalizada e submetida a exames que confirmaram as graves lesões - algumas já antigas. O corpo da vítima apresentava ainda marcas defensivas. A menor foi institucionalizada na segunda-feira e o caso foi comunicado à CPCJ (Comissão de Proteção de Crianças e Jovens) e ao Ministério Público de Vila Real - que aguarda pelo relatório final da unidade hospitalar para avançar com um processo crime. Os pais ainda não foram constituídos arguidos.

Na origem do atos de violência esteve o facto de o pai ter surpreendido a jovem com um namorado na rua. Foi de imediato obrigada a ir para casa e acabou barbaramente espancada - uma vez que os pais, conservadores e rigorosos, são contra a relação amorosa. A situação violenta foi sinalizada. O casal, bastante conhecido na cidade de Vila Real, não deu explicações para as agressões à filha adotiva.

# POBREZA NA IMPRENSA

UM OBSERVATÓRIO DA EAPN PORTUGAL

4.5.16

## APAV apoia investigação sobre violência

A Associação de Apoio à Vítima (APAV) está a promover a segunda edição do Prémio APAV para a Investigação, com o apoio da Fundação Montepio. O prémio destina-se a reconhecer trabalhos de investigação científica sobre temas ou problemas relacionados com a missão da APAV: “Apoiar as vítimas de crime, as suas famílias e os seus amigos, prestando-lhes serviços de qualidade, gratuitos e confidenciais e contribuir para o aperfeiçoamento das políticas públicas, sociais e privadas centradas no estatuto da vítima”, faz saber a associação na apresentação da iniciativa. O Prémio APAV para a Investigação vai distinguir um trabalho inédito, desenvolvido em língua portuguesa, que contribua para o conhecimento geral ou específico dos temas ou problemas relacionados com as vítimas de crime, ou para a melhoria de qualidade dos serviços de apoio à vítima em Portugal. As candidaturas podem ser formalizadas até 30 de junho.

POSTED BY EAPN - OBSERVATÓRIO DE IMPRENSA AT 10:35 DA MANHÃ

# MARKETEER

## Fuel e FCB Lisboa são Ouro na Suíça

🕒 05/05/2016 📍 Notícias 💬 0



O Golden Award of Montreux, um dos mais antigos festivais internacionais, distinguiu com Ouro projectos da Fuel e FCB Lisboa. As duas agências venceram medalhas na categoria que premeia trabalhos de imprensa.

No caso da Fuel, o vencedor foi "Batman Noir", criado para o jornal Público. Já a FCB Lisboa deve o lugar de destaque a "Home Catalog", criado para a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV).

O Golden Award of Montreux é um festival suíço "empenhado em melhorar o padrão da excelência criativa", segundo explica no seu site. O júri da edição de 2016 era composto por personalidades de 19 países, responsáveis por avaliar trabalhos de comunicação de categorias como "Televisão/Cinema" ou "Filmes Corporativos". Além dos dois ouros para Portugal, a Fuel ficou ainda em shortlist com o filme Christmas Tree e a Omdesign em Spatial communications com a Superbock House of Beer.

## Especialistas debatem drama dos refugiados

Texto Juliana Batista | Foto Lusa | 08/05/2016 | 09:15



Um «vasto leque de especialistas de reconhecido mérito» vai participar num seminário de reflexão sobre a crise dos refugiados na Europa, que vai olhar para esta conjuntura enquanto situação geradora de traumas

IMAGEM

Numa altura em que a Europa se confronta com as consequências de um fenómeno migratório de grandes dimensões, realiza-se o seminário «Os refugiados, a crise e os traumas», no próximo dia 18 de maio, a partir das 10h00, no auditório 3 da Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa. As inscrições são gratuitas.

O colóquio é organizado pelo Centro de Trauma e pelo Observatório sobre Crises e Alternativas do Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra. O seminário vai incidir sobre a «ambivalência na resposta dos povos e dos países da Europa perante o drama dos refugiados» que procuram o velho continente e a «intervenção psicossocial nestes contextos potencialmente traumáticos», informa o CES, em comunicado.

O debate contará presença de um «vasto leque de especialistas de reconhecido mérito» como Bruno Brito, da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), Diana Araújo, da Cruz Vermelha Internacional, Marco Ramos, psicólogo docente da Universidade de Aveiro, Margarida Marques, Secretária de Estado dos Assuntos Europeus, Miguel Arriaga, da Direção Geral de Saúde, e Teresa Tito de Moraes Mendes, presidente do Conselho Português para os Refugiados.

## Hospital de Portimão acolhe debate sobre stress laboral e assédio moral

POR HUGO RODRIGUES • 11 DE MAIO DE 2016 - 16:55

**O stress laboral e o assédio moral em ambiente de trabalho, as suas consequências e como se podem prevenir, vão ser tema de um debate que decorrerá no auditório do Hospital de Portimão, esta quinta-feira, às 14 horas.**

A iniciativa é organizada Sindicato dos Enfermeiros Portugueses e o Sindicato dos Trabalhadores em Funções Públicas e Sociais do Sul e Regiões Autónomas, que esperam encontrar, em conjunto, «estratégias organizacionais e individuais a serem implementadas, a fim de criar um ambiente favorável à prática, que ofereça um local de trabalho seguro e saudável, contribuindo igualmente para uma maior produtividade e melhor prestação de cuidados aos utentes».

A sessão irá contar com a presença do Enfermeiro Director do Centro Hospitalar do Algarve, e representantes da APAV – Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, da Autoridade para as Condições de Trabalho e da Comissão para a Igualdade entre Mulheres e Homens/CGTP-IN.

«Estudos recentes apontam para mais de 850 mil trabalhadores já terem sido alvo de assédio moral e cerca de 59% sofre de stress laboral e com tendência crescente nos últimos anos. Naturalmente que esta realidade não pode ser dissociada da degradação das condições sócio-económicas, a par da escassez de recursos provocadas pelos cortes, também no sector da Saúde», enquadram os organizadores do evento.

A escolha de uma unidade hospitalar para debater este tema é justificada pelos sindicatos com a constatação que «os trabalhadores e trabalhadoras do Centro Hospitalar do Algarve estão também sujeitos ao assédio e ao stress, sobretudo por pertencerem à área da Saúde».



sociedade //

## Violência no namoro: amar sem ser amada

"Não me dava amor, não me dava carinho. Eu não sabia o que era ter amor nem carinho de uma pessoa mas eu só tinha amor por ele."

POR ANA LÚCIA MARTINS, JORNALISTA SIC | 14/05/2016 19:16



Mal tinha idade para saber o significado da palavra paixão e já estava tomada de amores pelo rapaz que vivia perto de casa. Nicole Pereira tinha apenas 12 anos quando teve o primeiro namorado. Diz que em pouco tempo ficou cega de amor e em menos tempo ainda passou a ser refém de alguém que pouco amor tinha para dar.

"Não me dava amor, não me dava carinho. Eu não sabia o que era ter amor nem carinho de uma pessoa mas eu só tinha amor por ele."

Foi uma questão de tempo para que as agressões se tornassem rotina. Foi espancada, queimada com cigarros, insultada e pouco ou nada lhe era permitido fazer. A cada dia que passava perdia a independência. Começou por ser afastada dos amigos, deixou de ter telemóvel, não podia vestir o que gostava nem usar maquilhagem e até ir para a escola era um problema. Um dia esperou por ela ao portão da escola e rasgou-lhe os livros. Ela tinha medo, medo do que ele ameaçava fazer. A família julgava que estava nas aulas mas passava os dias em casa do namorado, debaixo do olhar controlador.

Aos 13 anos engravidou. O pai ficou revoltado com a notícia e Nicole acabou por ir viver para a casa dos pais do namorado. Foi uma questão de tempo até lhe ser vedado o contacto com a família.

"Vivia num sufoco sem poder falar com ninguém, calada. Tinha de fazer as limpezas lá em casa, fazer o almoço, fazer tudo para não arranjar problemas lá em casa mas ele arranjava sempre um motivo para me bater."

Se lhe perguntassem se estava bem respondia sempre que sim, não tinha coragem para desabafar todo o sofrimento que tentava esconder. As agressões galopavam para um nível em que sentia que a vida já estava em risco. Um dia foi espancada de tal forma que chegou a desmaiar. Mesmo assim não perdia a esperança de encontrar a felicidade ao lado do rapaz que lhe roubou a juventude.

"Eu vou ser feliz, eu vou conseguir superar tudo e vamos ser felizes".

A filha nasceu e com ela veio a força para por um ponto final numa relação. O amor de mãe falou mais alto. Pediu ajuda à irmã e em pouco tempo, com a ajuda da APAV (Associação Portuguesa de Apoio à Vítima), saiu da casa que até hoje lhe traz as piores recordações. Um sítio onde diz que nunca foi feliz, nunca foi amada, respeitada ou considerada. Tinha 14 anos quando decidiu o que não queria mais para a sua vida nem para a vida da filha. Em tribunal ficaram provadas as agressões e a sentença ditou pena suspensa com uma medida de afastamento e uma indemnização. Um ponto final na história. Hoje vive outra história, feliz, onde a violência não tem espaço para existir.

# Mais de 150 queixas de discriminação contra homossexuais em 2015

Por [Cláudia Fernandes](#) / 17:42 17 de Maio, 2016



**Esta terça-feira assinala-se, pela primeira vez em Portugal, o Dia Nacional da Luta Contra a Homofobia e a Transfobia. A ILGA, associação de apoio à comunidade LGBTI, regista 158 queixas de discriminação só em 2015.**

Há 24 anos atrás, no dia 17 de maio, a Organização Mundial de Saúde (OMS) retirava a homossexualidade da lista de doenças mentais. Porque feitos destes merecem ser celebrados, comemora-se esta terça-feira o Dia Nacional da Luta Contra a Homofobia e a Transfobia que é celebrado, este ano, pela primeira vez, em Portugal.

O dia era já celebrado a nível internacional. "No ano passado houve uma proposta no Parlamento para este passar a ser também o dia nacional. Foi aprovado e, portanto, este é o primeiro ano em que se assinala como dia nacional", indica Marta, da associação [ILGA Portugal](#) – Intervenção Lésbica, Gay, Bissexual e Transgénero.

A nova data do calendário português não é um vitória, porque, na verdade, não é nova. "Portugal já o celebrava antes e já o assinalava antes como dia internacional. Não é tardio. Há uma apropriação do dia e ainda bem que há, mas o dia já era assinalado, pelo Estado também, como Dia Internacional [da Luta Contra a Homofobia e Transfobia]".

Sobre a divulgação da data, Marta não tem muito a acrescentar, mas o trabalho continua para o ano: "Está a ser bastante bem divulgado. Há iniciativas a decorrer pelo país, há artigos de jornal a saírem exatamente sobre este dia. Claro que pode-se sempre fazer mais, mas está a ser bem divulgado."

No fim, o que o dia Nacional da Luta Contra a Homofobia e a Transfobia pretende mesmo é reduzir estes números a zero. A propósito do mesmo dia, a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima ([APAV](#)) libertou um relatório que dá conta de 9.612 vítimas de violência que recorreram aos seus serviços. Do total de vítimas, a maioria (cerca de 82%) eram do sexo feminino.

Categoria: Cultura

## Tribunal de Santarém apresenta exposição de José Sarmiento Marques

📅 quinta, 19 maio 2016 Escrito por Redação



“O Virar da Página” é o nome da exposição de fotografia de José Sarmiento Matos que vai ficar patente no Tribunal de Santarém a partir desta quinta-feira, 19 de maio.

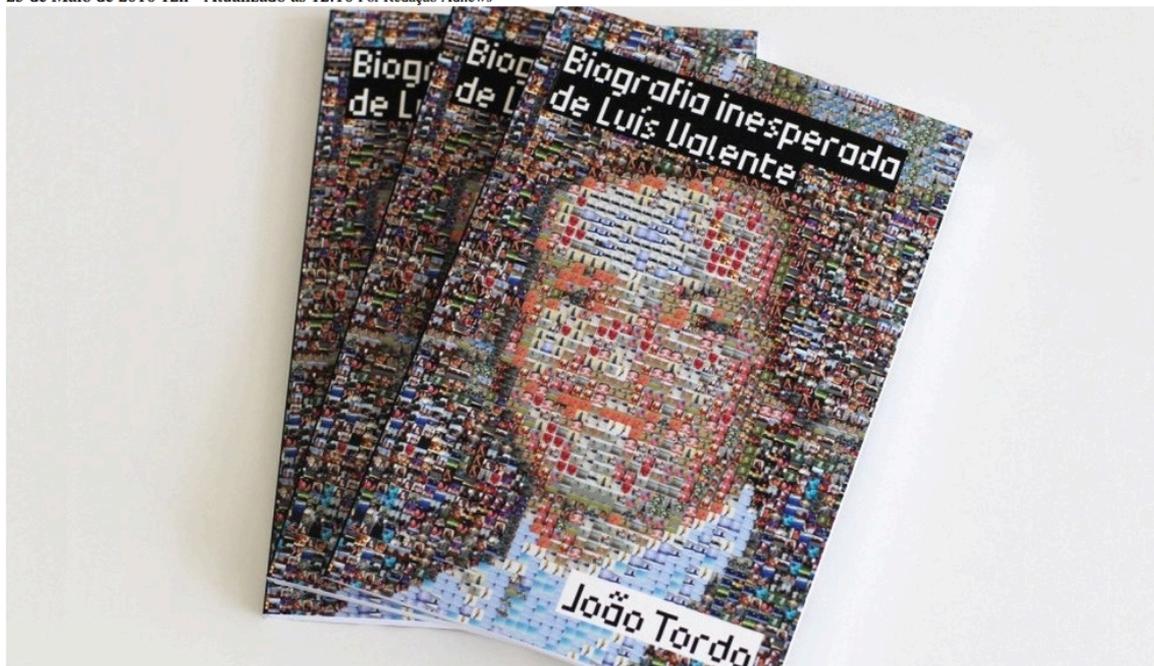
Esta mostra exhibe imagens de um projeto realizado entre setembro de 2014 e abril de 2015, onde foram fotografadas e entrevistadas pelo autor vítimas de crimes como violência doméstica, tráfico humano e stalking, entre outros.

O documentário foi concluído no final de 2015, no âmbito das comemorações dos 25 Anos da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), em Lisboa, tendo seguido depois para o Porto e chegado agora a Santarém.

Num percurso de 20 fotografias, José Sarmiento Matos convida a uma viagem pelas histórias reais de pessoas, que se cruzam num ponto comum: o virar da página.

## Ação cria biografia com dados expostos nas redes sociais

25 de Maio de 2016 12h - Atualizado às 12:16 Por Redação Adnews



É fato que as redes sociais passaram a fazer parte de cada momento de nossa vida. Tem plataforma para textão e para textinho, para belas fotografias e para imagens não tão belas e úteis assim. Tem até mesmo serviço para quem quer casar, namorar ou apenas tirar o atraso.

Envolvidos nesse meio, deixamos de perceber o quão expostos ficamos para o mundo digital e, claro, não refletimos sobre as graves consequências que o excesso de dados pessoais nas redes pode ocasionar.

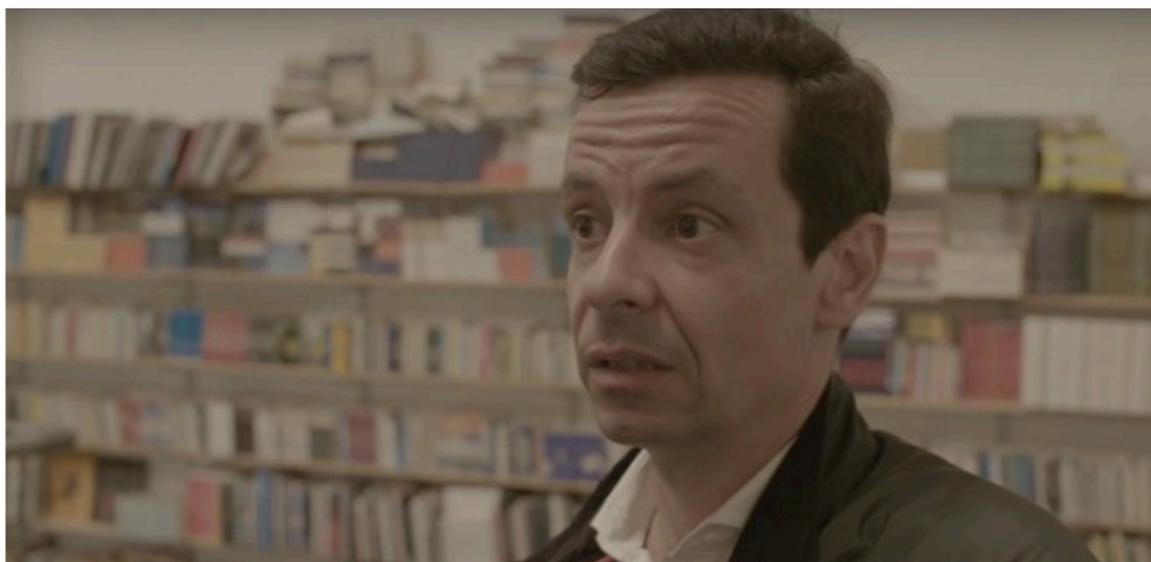
Com o objetivo de alertar as pessoas sobre o assunto, a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima resolveu mostrar apenas um pouco do que pode ser feito com os dados de um usuário nas redes sociais: uma biografia.

Na campanha criada pela Havas WW Portugal, o escritor João Tordo foi convidado para escrever a biografia de um usuário real usando apenas as informações sobre ele encontradas em seus perfis nas plataformas sociais.

No dia do lançamento do livro, Luis Valente, o usuário escolhido para a coleta de dados, foi chamado para o evento sem mesmo saber que a biografia a ser lançada era a sua. No filme disponível pela agência é possível ver a reação de choque do homem ao perceber que ele havia exposto informações suficientes para um livro.

A mensagem final deixa o alerta: "Dessa vez apenas um livro foi escrito, mas poderia ser muito pior".

# Publicità



## | SEM SABER, INTERNAUTAS ESCREVEM SUAS BIOGRAFIAS NAS REDES SOCIAIS

*A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), que tem prestado assistência aqueles que enfrentam e sofrem com os crimes digitais, realizou uma inesperada e surpreendente ação em parceria com as agências Havas e Major que resultou no livro “Biografia inesperada de Luís Valente”, escrito pelo premiado João Tordo a partir de postes nas redes sociais. O escritor construiu essa biografia lendo os postes do internauta Luís Valente, que não sabia de nada e foi convidado para o lançamento do livro, ficando surpreso com o resultado. A intenção da APAV foi alertar que o conjunto de postes que publicamos podem, como neste caso, resultar em uma biografia, sobretudo quando os deixamos públicos, sem o devido cuidado do compartilhamento de informações mais íntimas ou familiares apenas entre aqueles de absoluta confiança. De acordo com a APAV, a cada segundo que passa, só os 1,5 mil milhões de utilizadores ativos do Facebook fazem mais de 510 mil comentários, publicam mais de 136 mil fotografias e alteram mais de 293 mil perfis.*

*Ao ler o livro, um surpreendido Luís Valente disse, no vídeo que mostra a ação: “As palavras faladas, o vento leva, mas as palavras postadas, as imagens postadas, e a informação pessoal postada, fica”. A intenção da APAV é alertar para riscos como phishing, stalking, cyberbullying entre outros.*

*Phishing consiste nas tentativas de internautas de, a partir do seu perfil, descobrir suas senhas, acessando inclusive seus dados bancários, enquanto o stalking é a invasão da sua área de privacidade na internet por outro e o cyberbullying é o que pode classificar de assédio, nas várias formas em que se apresenta como a desqualificação ou as piadas em torno de algo que foi postado influenciando diretamente na estima do internauta.*

# Plus is more

FASHION - LIFESTYLE - LIVING - BEAUTY

19 de Maio, 2016

## Fim-de-semana pelo Mark it by Fox Life



Este fim-de-semana que passou, fomos conhecer o [Mark it](#), que se realizou pela primeira vez no Porto. Este mercado giríssimo, organizado pela [Fox Life Portugal](#), correspondeu bem às nossas expectativas. Foi um Super evento, cheio de atividades e diferentes marcas que "aguçou" bastante a curiosidade dos portuenses! :)

Apesar dos vários expositores, com coisas giras giras, a [Fox Life](#) ainda nos surpreendeu com algumas degustações, em parceria com algumas marcas como o [LIDL](#) com os seus iogurtes e pastéis de nata ótimos e a [Frize](#) com o seu novo sabor Gengibre e Pepino, e as fresquinhas [Somersby](#), mas também com algumas iniciativas bem importantes, como o apoio à [APAV](#) através da venda de uns sacos bem giros e úteis, que reverte a favor da instituição.